

abehache

Revista da Associação Brasileira de Hispanistas

14 2018
2º semestre



abehache

Revista da Associação Brasileira de Hispanistas

n. 14
Dezembro de 2018



Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

abehache: revista da Associação Brasileira de Hispanistas - v.1, n.1 (2011)
.-São Paulo: ABH, 2011-.

Semestral.
Versão eletrônica.
ISSN 2238-3026

1. Língua espanhola. 2. Literatura espanhola. 3. Literatura hispano-
americana. 4. Países de língua espanhola - cultura e história. I Associação
Brasileira de Hispanistas.

CDD 460
860



Diretoria da ABH (2016-2018)

Doris Cristina V. de S. Matos (UFS)

Presidenta

Márcia Paraquett (UFBA)

Vice-Presidenta

Célia Navarro Flores (UFS)

1ª. secretária

Jorge Hernán Yerro (UFBA)

2º. secretário

Joyce Palha Colaça (UFS)

1ª. tesoureira

Andrea Silva Ponte (UFPB)

2ª. tesoureira

Edição eletrônica da Revista *abehache*

Revisão de texto: Maricélia Nunes dos Santos

Edição Eletrônica: Jorge Hernán Yerro



Comissão Editorial

Alai Garcia Diniz (UFSC)
Célia Navarro Flores (UFS)
Elena Ortiz Preuss (UFG)
Jorge Hernán Yerro (UFBA)
Júlia Morena Costa (UFBA)

Ana Cecilia Arias Olmos (USP)
Darío Gómez Sánchez (UFPE)
Fabiele Stockmans De Nardi (UFPE)
Juan Ignacio Jurado Centurión (UFPB)
Luciana Maria Almeida de Freitas (UFF)

E-mail: revista.abh@gmail.com

Conselho Editorial

Ana Maria Camblong
Azucena Palacios
Bernard Sicot
Elisa Amorim
Enrique Foffani
Heloísa Pezza Cintrão
Jens Andermann
Jorge Diaz Cintas
José Carlos Sebe Meihy
José Ribamar Bessa Freire
Julio Pimentel Pinto
Julio Rodríguez Puértolas
María Elena Placencia
Mirta Groppi
Oscar Diaz Fouces
Pablo Rocca
Pablo Vila
Patricia Willson
Raquel Macciucci
Silvia Cárcamo de Arcuri
Silvina Montrul
Susana Romano Sued
Susana Zanetti
Vera Sant'Anna
Virginia Unamuno
Viviana Gelado
Walter Carlos Costa

Univ. Nacional de Misiones, Argentina
U. Autónoma de Madrid, Espanha
Université Paris X – Nanterre, França
UFMG, Brasil
Univ. Nacional de Rosario, Argentina
USP, Brasil
Universität Zürich
Imperial College London, Reino Unido
USP, Brasil
UERJ / UNIRIO, Brasil
USP, Brasil
U. Autónoma de Madrid, Espanha
Birkbeck, University of London, Reino Unido
USP, Brasil
Universidad de Vigo, Espanha
Univ. de la República, Uruguai
University of Temple, EUA
El Colegio de México, México
Univ. Nac. de La Plata, Argentina
UFRJ, Brasil
Univ. de Illinois, EUA
Univ. Nacional de Córdoba, Argentina
Univ. Nac. de La Plata / UBA, Argentina
UERJ, Brasil
Conicet, Argentina
UFF, Brasil
UFSC, Brasil

SUMÁRIO

Apresentação	6
--------------------	---

Dossiê: Migrações

. Fronteras movedizas: lenguaje en la literatura de los márgenes	8
<i>Alejandro Reyes</i>	
. Migração, deslocamento e educação: construir pontes, não muros	18
<i>Maria Eta Vieira e Gretel M. Eres Fernández</i>	
. Desterritorialização em Alfredo Molano	34
<i>Manoel de Brito Oliveira Segundo e Juliana Helena Gomes Leal</i>	

Varia

. A cultura espanhola sob a censura franquista	55
<i>Michele Fonseca de Arruda</i>	

Entrevista

. Otra representación es posible: por una resemantización de la villeritud. Entrevista a César González	75
<i>Fabiana Oliveira de Souza</i>	

Resenha

. Diccionario de Colombianismos	90
<i>Romilda Mochiuti</i>	

Apresentação

A globalização contemporânea atualiza fluxos migratórios que se deslocam em busca de qualidade de vida, melhores empregos ou oportunidades. Motivados por diversas situações de conflito, os migrantes encontram na mobilidade forçada a única saída para fugir das violências e vulnerabilidades a que estão expostos. Neste contexto, o Número 14 da Revista ABEHACHE, lançado no segundo semestre de 2018, apresenta um dossiê que, centrado no tema “Migrações”, busca tensionar as disputas que resultam nestes movimentos.

Abre o número o texto *Fronteras movedizas: lenguaje en la literatura de los márgenes*, que corresponde à conferência apresentada por Alejandro Reyes no X Congresso Brasileiro de Hispanistas, acontecido em agosto deste ano na Universidade Federal de Sergipe. Em seu texto, o autor faz uma comparação entre a literatura *de los márgenes* produzida na Cidade de México e na Cidade Nezahualcóyotl e a literatura periférica brasileira das últimas duas décadas. Com base em trechos de algumas obras, Reyes se debruça sobre o papel que ocupa a linguagem “*como elemento característico desde el punto de vista literario pero también en su dimensión política*”.

O seguinte artigo, *Migração, deslocamento e educação: construir pontes, não muros*, escrito por Maria Eta Vieira e Gretel Eres Fernández, põe o foco sobre as diversas reações causadas pelos movimentos migratórios que, embora tão comuns atualmente, costumam gerar receio e até rejeição em aqueles que recebem os migrantes. Em seu texto, as autoras se propõem a pensar, com base em uma educação centrada em princípios interculturais, ações que favoreçam o efetivo acolhimentos desses sujeitos.

No artigo *Desterritorialização em Alfredo Molano*, Manoel de Brito Oliveira e Juliana Helena Gomes Leal refletem sobre a expulsão forçada de seus territórios das vítimas do conflito armado na Colômbia, cuja população é, em sua maioria, composta por indígenas e afrodescendentes. Com base numa leitura interpretativa de duas crônicas do livro *Desterrados: crônicas del desarraigo*, do escritor Alfredo Molano, o autor e a autora concluem que tais confrontos não finalizarão enquanto o Estado não passar a observar o respeito aos direitos humanos dos povos violentados e, ao invés disso, continuar dando atenção apenas ao crescimento econômico do país.

No quarto texto, *A cultura espanhola sob a censura franquista*, Michele Fonseca de Arruda foca seu olhar na Espanha do período ditatorial franquista. A partir de um apanhado deste momento histórico, a autora observa os recursos artísticos utilizados por um conjunto de escritores com a intenção de burlar o forte esquema repressivo de controle e direcionamento ideológico e cultural acionado pelo aparato totalitário.

A entrevista ao escritor e diretor de cinema argentino César González, *Otra representación es posible: por una resemantización de la villeritud*, foi feita por Fabiana Oliveira de Souza como parte de sua pesquisa de mestrado. Nela, o entrevistado fala, entre outros assuntos, sobre a forma em que os anos que passou na prisão influenciaram sua obra, as limitações que encontram os *villeros* quando se trata da prática artística e as deficiências que tiveram os diferentes governos progressistas da América Latina quando para resolver o problema da criminalidade.

Encerra o número a resenha do *Diccionario de Colombialismos* (Instituto Caro y Cuervo, 2018), feita por Romilda Mochiuti.

Desejamos que tenham uma ótima leitura.

Comissão Editorial

Fronteras movedizas: lenguaje en la literatura de los márgenes¹

Alejandro Reyes²

Por el laredo de los volcanes, el sol se ralla de suave sobre las azoteas de las casas donde el perro escupe su rabia atrapada, junto con butica chivaches y madera apilada y cuadros de biclas, huacales, antenas chuecas y puntas de varillas cubiertas con cascos de chelas y chescos.

Es un día chiro. Así debió de rolar el dios del salitre por el mundo en la víspera del génesis, después de hablar consigo mismo, y ordenar machín –quién sabe a quién–: ¡hágase la luz! (MENDOZA 2009: 33).

El tema de mi plática hoy es la literatura de los márgenes, y más específicamente la literatura que se produce en el barrio de Tepito, en la Ciudad de México, y en Ciudad Nezahualcóyotl o Ciudad Neza (o Nezahualodo, Neza York, Mi Nezota, Neza Rock y muchos nombres más), una de las mayores periferias del mundo, al este de la Ciudad de México. Es una literatura que tiene mucho que ver con lo que en Brasil se llama la literatura periférica, marginal o divergente, y que en las últimas dos décadas, a diferencia de México, se ha constituido en un verdadero movimiento literario. En particular, me gustaría examinar el papel del lenguaje en esta literatura, como elemento característico desde el punto de vista literario pero también en su dimensión política.

Mi interés por esta literatura surge como indagación teórica y académica, desde luego, pero mucho más a partir de una urgencia: la necesidad de buscar caminos de vida en tiempos de muerte. Todas y todos estamos viendo una espiral de violencia brutal en todos sentidos y que al mismo tiempo se naturaliza de tal manera que muchas veces no logramos siquiera percibirla. En México en la última década tenemos unos 150 mil asesinados y unos 35 mil desaparecidos, según cifras oficiales, y todo un nuevo léxico para nombrar las nuevas formas de brutalidad: los encajuelados, encintados, encobijados, descabezados, disueltos, destazados, descuartizados, etc. México se ha vuelto uno de los países más peligrosos del mundo para ejercer el periodismo, que es una de mis labores, con regiones enteras donde las políticas editoriales de los medios los

¹ Texto da conferência proferida no X Congresso Brasileiro de Hispanistas (UFS). Recebido em 21 de novembro. Aceito em 26 de novembro.

² Doutor em Literatura Latino-Americana pela University of California (UC), Berkeley.

dicta el crimen organizado. Y un Estado en todos sus niveles y con todas sus fuerzas represivas indistinguibles del crimen organizado.

Y sin embargo la situación en Brasil no es muy diferente, aunque sea menos visible, por lo menos para las clases privilegiadas. En mayo viajamos por Bahía y Pernambuco con una exposición llamada “Insurgencias mexicanas: poéticas de vida en tiempos de muerte”,³ con curaduría de Luciana Accioly, en la que presentamos obras sobre desaparecidos y feminicidios, así como fotografías de iniciativas del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, y en esa ocasión tuvimos la oportunidad de vincularnos con el movimiento de las Madres de Mayo de Brasil. Y ellas nos hablaron de 60 mil asesinados y 70 mil desaparecidos *por año*; una cifra asustadora de víctimas que, sin embargo, no se discute ni aparece en los medios de comunicación nacionales o internacionales, porque en su gran mayoría las víctimas son originarias de las periferias y favelas del país: poblaciones invisibles y desechables para buena parte de la sociedad brasileña.

Al mismo tiempo, a nivel mundial vemos una polarización de la riqueza sin precedentes en la historia y, por primera vez, una producción sistemática de poblaciones descartables que no sirven ya siquiera como mano de obra de reserva, sino que simplemente no caben en el sistema y que, para éste, habría que descartar; que es precisamente lo que está sucediendo. Y 95% del crecimiento de dicha población, según Mike DAVIS (2007), sucede justamente en las periferias y “barrios bravos” de los países del mal llamado tercer mundo.

La literatura periférica/marginal/divergente/de los sótanos surge precisamente en ese contexto y explícitamente en respuesta al mismo, y es por eso que me interesa analizarla tanto en sus características literarias como en su potencial emancipatorio.

Hace más o menos 10 años empecé a trabajar con escritores del movimiento de literatura periférica/marginal/divergente en São Paulo y Bahía. Al mismo tiempo, unos amigos y yo fundamos la editorial independiente Sur+ en México, y por medio de ésta empecé a trabajar con escritores del barrio bravo de Tepito en la ciudad de México, pertenecientes a un taller literario y multidisciplinar llamado El sótano de los olvidados (2010), con quienes publicamos la antología *Netamorfosis: Cuentos de Tepito y otros barrios imarginados*, en una colección que se llamó Imarginalia, en la que después

³ Ver <https://urucum-artes.org/blog/acciones/insurgencias-mexicanas/>.

publicamos la novela *Manual práctico del odio* de Ferréz (2012), en traducción mía. Y en 2013 publiqué *Vozes dos porões*, un estudio literario y político sobre el movimiento de literatura periférica/marginal en Brasil.

Las obras de esta literatura de los márgenes, tanto en Brasil como en México, comparten varias características que las distinguen de la literatura canónica, aunque también difieren entre sí, sobre todo en términos de su temporalidad (en Brasil el fenómeno se manifiesta sobre todo en las últimas dos décadas, mientras en México surge desde la década de 1970) y de su alcance (en Brasil se ha transformado en verdadero movimiento literario, con un impacto significativo en el mercado editorial, los medios de comunicación y la academia, mientras en México goza de poca visibilidad).

La principal semejanza entre la producción brasileña y la mexicana es desde luego el lugar desde donde se mira. La temática de las clases populares, los espacios marginales y/o marginalizados y la violencia urbana no es nueva y mucho menos específica a esta literatura; de hecho, dicha temática fue uno de los ejes fundamentales en la construcción de las identidades nacionales, tanto en Brasil como en México, y desde finales del siglo XX, respondiendo a la creciente violencia vivida en las ciudades latinoamericanas, ha llegado a conformar verdaderos subgéneros, como la narconovela en México. Pero lo que distingue a la literatura de los márgenes de esas tendencias es justamente el lugar de la mirada: la mirada de dentro. “No somos el retrato”, escribe FERRÉZ, “al contrario, cambiamos el foco y tomamos nosotros mismos nuestra foto”⁴ (2005: 9).

En general se trata de una literatura realista (muchas veces como una versión “marginal” del realismo brutal que surgió en Latinoamérica en la década de 1970), casi nunca introspectiva, más preocupada por narrar las dinámicas sociales en los territorios explorados que las problemáticas internas de los personajes. Es una literatura muy preocupada por la temática de la violencia, pero con un tratamiento muy particular de la misma, que evita la espectacularización y la banalización, a diferencia de mucha de la literatura contemporánea de cuño más comercial, que tiende a tratar la violencia como forma de entretenimiento. Una literatura preocupada con la memoria, como archivo histórico y mecanismo de resistencia ante la homogeneización impuesta por la

⁴ La traducción es mía.

globalización neoliberal, pero también como forma de resignificar el pasado para reconstruir el presente y reelaborar el sujeto, tanto individual y colectivo, ante las condiciones traumáticas de vida en las favelas, periferias, prisiones y barrios bravos. Y una literatura que manifiesta una compleja y creativa relación entre la oralidad de las poblaciones de dichos espacios y la palabra escrita, subvirtiendo la lengua dicha “erudita” con la poética (o *netapoética*, como diría el tepiteño/nezeño Primo Mendoza) de los barrios. Este uso del lenguaje, como veremos más adelante, cumple también una función de mediación cultural, funcionando como puente para subsanar el abismo entre las clases sociales.

Me gustaría enfocarme hoy en este último punto: el lenguaje. Desde tiempos coloniales, el lenguaje en Latinoamérica, sobre todo en su versión escrita, ha estado asociado a las estructuras de poder y ha sido utilizado como mecanismo de opresión y exclusión. En *La ciudad letrada*, Ángel RAMA (1998) examina la conformación histórica en América Latina de una élite letrada que fue fundamental en la consolidación del poder.

En este sentido, resulta interesante examinar de qué forma llega el castellano a la América hispánica. El 18 de agosto de 1492, dos semanas después de la partida de Cristóbal Colón en el viaje que lo llevaría a “descubrir” el continente americano, se imprimió en Salamanca la *Gramática castellana* de Elio Antonio de Nebrija. Se trata de la primera gramática en la historia de una lengua moderna; hasta entonces, las gramáticas (griega, latina, del sánscrito) tenían la función de describir las lenguas muertas. La gramática de Nebrija, en contraste, tenía la intención de unificar la gran variedad de formas vernáculas del castellano que se hablaban en la península ibérica en la época, “inventando” así una única lengua, que a partir de entonces pasaría a considerarse la “correcta”. Al mismo tiempo, como queda evidente en la introducción de seis páginas de Nebrija, dirigida a la Reina Isabel, dicha normalización de la lengua serviría como mecanismo de control al interior del reino y como instrumento de dominación imperial. Además, al otorgarle al castellano una gramática, se le equiparaba a las lenguas consideradas en la época portadoras de conocimiento —el latín, el hebreo y el griego—, definiendo así una jerarquía lingüística: las lenguas “en sentido pleno”, capaces de comunicar conocimiento, por un lado, y las “lenguas no-lenguas”, por otro,

útiles en la cotidianidad pero incapaces de expresar conocimiento auténtico. Surge así lo que Gabriela VERONELLI (2015) ha denominado la colonialidad del lenguaje.

Este dominio de la lengua escrita como privilegio e instrumento de poder de una élite letrada va de la mano de las políticas educativas en nuestro continente desde la época colonial. Una de las consecuencias de la gramática es que, a partir de entonces, el lenguaje “correcto” no es ya el que se habla y se construye en la dinámica del intercambio cotidiano, sino el que se enseña en instituciones controladas por el Estado. Las políticas educativas en América Latina han sido, a lo largo de los últimos siglos, claramente diferenciales en términos de lo que se ofrece a las clases privilegiadas y a los de abajo. Para estos últimos, la educación, sobre todo a partir del siglo XIX, ha sido instrumental, en el sentido de formar trabajadores dóciles y obedientes. En la novela *Balún Canaan*, de Rosario CASTELLANO (2010[1957]), por ejemplo, vemos cómo las políticas educativas posrevolucionarias introducidas por Lázaro Cárdenas son tergiversadas y aplicadas de manera muy selectiva. Para los indígenas, la educación es una farsa y un sinsentido: los finqueros reconocen como una amenaza (y una ofensa) que los indígenas dominen el castellano, al mismo tiempo que se les discrimina justamente por, presumiblemente, ser incapaces de aprender dicha lengua. Dichas diferencias permanecen hasta hoy, a pesar de las reformas educativas y la introducción de conceptos como la educación intercultural, que en la práctica dista mucho de haber logrado revertir la exclusión de las poblaciones marginalizadas.

En contraste, Humberto MATORANA (1990 citado en VERONELLI, 2015) introduce el concepto de “lenguajear”: la construcción dinámica de sentido, el lenguaje como algo vivo, maleable, construido en los intercambios cotidianos en el ámbito de un cierto territorio y, por lo tanto, relacionado a una cierta comunidad. Un lenguaje que no se somete a reglas rígidas, sino que se construye por medio de juegos creativos constantes.

Un ejemplo vivísimo del lenguajear es el albur, ese juego de palabras de los barrios bravos sobre todo de la Ciudad de México, lleno de dobles sentidos sobre todo de carácter sexual, en los que al parecer se habla de una cosa cuando en realidad se habla de otra, generalmente insultando con pícaro jovialidad al interlocutor. Esta forma de comunicación termina creando espacios de indecibilidad (espacios impenetrables

para quien no forma parte de la comunidad de dicho territorio) y es usada no sólo como ejercicio lúdico, sino también como forma de resistencia.

Ante esto, el poder hegemónico discrimina, reduce y menosprecia el lenguaje popular, asociándolo a la ignorancia e incluso a la criminalidad, sobre todo en sus aspectos de colectividad que de alguna forma amenazan a las estructuras de poder. Ejemplos de eso son los términos “*maloqueiro*” en Brasil y “ñero” en México. La definición en el diccionario *Priberam* de *maloqueiro* es: “*Criança que rouba ou trabalha para ladrões e que geralmente vive na rua; Pessoa andrajosa; Pessoa grosseira ou mal-educada; Pessoa que faz parte de um grupo que não inspira confiança*”. Sin embargo, *maloqueiro* viene de *maloca*, la casa colectiva tradicional de los pueblos originarios de Sudamérica, donde se realizan rituales, se cuentan historias, se construye y reconstituye la memoria colectiva. “Ñero”, por su parte, no existe en el diccionario de la Real Academia, pero el *Oxford Dictionary* de español lo define, en su acepción mexicana, como: “Que es vulgar y no tiene educación”, y se le entiende en México como una forma peyorativa de referirse a las clases populares. Sin embargo, la palabra viene de “compañero”; o sea, de quien comparte códigos, valores y visiones de mundo (en su caso, diferentes de los hegemónicos). Así, al asociar estas palabras a la criminalidad, se criminalizan también las formas de convivialidad propias de espacios fuera del control hegemónico.

Ante eso, los escritores de los barrios bravos subvierten el lenguaje, impregnándolo de la poética popular. Esta subversión lingüística va en varios sentidos. Por un lado, por pura rebeldía, por puro placer. Esto somos, así hablamos, parecen decirnos los textos. Pero hay más. Desde la primera mitad del siglo XX, lo que entonces se llamaba “el pelado” –los de abajo, pues– fue objeto de interminables discusiones en las tentativas por construir un sentido de identidad nacional, con una mirada invariablemente desde la perspectiva de una clase media ilustrada. La literatura de los márgenes invierte esa perspectiva, y uno de los instrumentos para hacerlo es el lenguaje. Narrar la propia realidad con el propio lenguaje de dicha realidad nos aproxima a la misma de una manera completamente distinta.

Un ejemplo muy temprano de esto es la polémica novela *Chin Chin el teporocho*, de Armando RAMÍREZ, publicada en 1971. Escrita con completo desacato

de las normas gramaticales, de ortografía y puntuación, la novela hace un uso muy creativo de la oralidad popular. Aquí un trecho:

Al día siguiente me levanto a las seis de la mañana, me lavo la cara y los brazos me echo un poco de agua en el cabello para peinarme, desayuno, me dirigo a la parada del camión, con las manos en los bolsillos delanteros del pantalón, con la mirada clavada en el suelo gris, pienso con tristeza, –siempre todos los lunes me sucede– que ir a trabajar, oír los gritos del gerente, subirse al camión atestado de gente que huele a sabanas, el mal olor de las axilas, las miradas vagas que deambulan y los pisotones los gritos malhumorados del chofer –orale ese jovenaso pasele para adentro, subase pa’riba, circule sin manosear a la señorita, ese chango no se haga güey con lo del pasaje que por el espejo lo lique cuando se subio por la puerta de atrás– y los lamentos de los pasajeros –ora no me empuje, pos si quiere ir comodo vayase en taxi o que se cree muy mgy, que me ve güey soy o me pareco y si no le paso vámonos bajando para rompernos la madre, hijo de la chingada vaya agarrarle las nalgas a la puta que lo pario, que paso mi miss ya nos llevamos a mentadas además yo ni se las agarre, ni que estuviera tan buena para que me calentara. [...] y llegar a la vivienda comer y tratar de descansar y comenzar las lamentaciones, el maldecir y el renegar de la vida, ¡no, no, no, no, no, no, no, no, no, no! no se que va a pasar conmigo a veces quisiera huir, no se adonde, de no seguir, de olvidarme de la rutina, no, no, no, no, no, chingada madre parece que voy a volverme loco, sin ninguna esperanza, condenado perpetuamente a seguir siendo siempre atraves de los siglos de los siglos un trabajador, ahora un trabajador joven, mañana un trabajador maduro, pasado mañana un trabajador viejo, arrugado, achacoso, viviendo de pura suerte, suerte maldita que vale pa pura chingada ¿sera por eso? que cuando llega el día sábado y cobro mi raya me lleno de ansiedad y salgo huyendo, corriendo como desesperado para reunirme con mis amigos, para irnos a divertir, a bailar, a emborracharnos, a buscar una puta, a vivir de verdad aunque solo sea sábado en la noche y el domingo todo el día (RAMÍREZ 2007: 30-33).

Pero hay en esto también una intención de mediación cultural: un intento por aproximar a los lectores de las clases más privilegiadas a las realidades marginales o marginalizadas, tendiendo puentes para una comprensión más compleja de las dinámicas sociales que se dan en esos espacios, tan demonizados por discursos reduccionistas y excluyentes. Al mismo tiempo, las muchas iniciativas artísticas y literarias en los propios barrios (recitales, presentaciones de libros, debates, revistas barriales) demuestran que esta literatura funciona también como un espejo en el que los propios pobladores de estos territorios pueden mirarse y, así, resignificar su propia identidad.

Me gustaría concluir esta plática con una breve reflexión de mi propio quehacer literario en lo que se refiere al uso del lenguaje y a las cuestiones que he apuntado aquí.

La descolonización del lenguaje es para mí una cuestión no solo estética sino, sobre todo, ética, a la hora de escribir en el contexto de la violencia social que estamos viviendo. Mi novela *La reina del Cine Roma*, publicada originalmente en portugués (2009), trata sobre los niños y las niñas que viven y trabajan en las calles de Salvador, Bahía, y de temáticas como la violencia, el abuso sexual, la prostitución infantil, la drogadicción, la transexualidad, etc. ¿Cómo aproximarse a esas realidades sin mirarlas desde afuera, sin simplificarlas, sin exotizarlas, sin hacer de ellas un espectáculo para consumo y entretenimiento de una clase media lectora? ¿Cómo romper las barreras que nos dividen, que justifican la creación y reproducción de categorías que colocan a unos como personas dignas de derechos y justicia y otros como no-personas sobre quienes se puede ejercer una violencia supuestamente legítima e impune, como lo son los llamados “niños de la calle”?

Una de las estrategias que adopté en esa tentativa fue justamente el uso del lenguaje. Narrado por un niño/adolescente gay que vive en la calle, la novela está escrita en un portugués callejero bahiano repleto de *gírias* y expresiones típicas de las calles de Bahía y que, espero, aproxima al lector al universo de esos niños.

Una de las mis inquietudes en todo esto ha sido la traducibilidad de dichos lenguajes. La literatura de los márgenes reivindica lo local, las particularidades culturales –y lingüísticas– de territorios específicos. Al mismo tiempo, esta literatura parece ser un fenómeno global, o por lo menos manifestarse en diferentes formas en diversos lugares del mundo, justamente como reacción a la globalización homogeneizadora. Siendo así, resulta importante preguntarse cómo traducir dichas obras, inclusive como estrategia política de resistencia ante la imposición global de una sociedad única de consumo.

Este dilema se volvió muy tangible a la hora de traducir *La reina del Cine Roma* al español. Al inicio, dos alternativas parecían evidentes: traducir los localismos y expresiones a otros en otro contexto (del bahianés al tepiteño, por ejemplo) o aplanar el lenguaje, eliminando su carácter callejero en aras de la comprensión. Pero ninguna de las dos dio resultado. Traduje el primer capítulo a un español mexicano barrial y el resultado no fue desagradable, pero daba la desafortunada impresión de que “un tropel de tepiteños se había perdido en Bahía y había ido a parar a una novela descabellada que no tenía pies ni cabeza”, como escribí en la “Nota del traductor (que es también el

autor)” que abre la edición mexicana (2012). Y la segunda ni siquiera la intenté, pues me pareció un despropósito casi criminal. Finalmente opté por crear un lenguaje híbrido que de alguna manera mantiene la cadencia y la sonoridad del original, preservando construcciones lingüísticas que no se usan de esa manera en español pero que se entienden en el contexto, e incluso manteniendo algunas palabras en portugués e inventando otras, todo eso mezclado con mexicanismos y expresiones del caló mexicano barrial.

En mi novela aún inédita *Memorias del olvido*, que trata sobre la temática de la migración, el desafío fue plasmar los múltiples registros lingüísticos propios de los flujos migratorios –en el caso, el portugués brasileño nordestino, el mexicano urbano, el rural sureño y el norteño, así como el espanglish de las poblaciones chicanas en los Estados Unidos. Para tal, escribí algunos capítulos en español, otros en portugués, y trechos en inglés y en espanglish. Una vez terminada, me di a la tarea de traducir el español al portugués y viceversa, el inglés al español y al portugués y el espanglish a una suerte de portunglish inventado, para así terminar con dos originales: uno en español y otro en portugués.

Me gustaría concluir estas reflexiones de manera más lúdica, con la lectura de un breve trecho del cuento “Mester de ñerería”, de Primo MENDOZA (2009):

—Do tus pasos os llevan, hijín.

—Maestrín, voy sin duda alguna a la Villa de Tepito, famosa en todos lares por su vendimia.

—¿Y qué lugar de la Mancha urbana es ése, que mi oreja gacha no ha oído nombrar...?
Y ved bien, que sé de eso, puesto que Cruzado he sido, por gracia de los Ejes.

—Abráse visto, Maese Carnalín de la Barca, que ni siquiera coplas a vuestro sacro oído han llegado?

—Nel mi buen Archipeste. Y puesto que sordo he sido, ¡hágase vuestra voz lazarín de mi consciencia en blanco! (p. 103)

Referências bibliográficas

CASTELLANOS, R. *Balún Canán*. México: Fondo de Cultura Económica, 2010[1957].

DAVIS, M. *Planet of Slums*. Brooklyn: Verso, 2007.

EL SÓTANO DE LOS OLVIDADOS. *Netamorfosis*: cuentos de Tepito y otros barrios imarginados. México: Sur+ Ediciones, 2010.

FERRÉZ (org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Río de Janeiro: Agir, 2005.

FERRÉZ. *Manual práctico del odio*. Traducción de A. Reyes. México: Sur+ Ediciones, 2012.

MENDOZA, P. *Territorios*. México: Biblioteca Mexiquense del Bicentenario, 2009.

RAMA, A. *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca, 1998.

RAMÍREZ, A. *Chin Chin el teporocho*. México: Oceano, 2007[1971].

REYES, A. *A rainha do Cine Roma*. Lisboa: Leya, 2009.

REYES, A. *La reina del Cine Roma*. México: Random House Mondadori, 2012.

REYES, A. *Vozes dos porões: a literatura periférica/marginal do Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

VERONELLI, G. Sobre la colonialidad del lenguaje. In: *Universitas Humanística* 81(81), 2015, 33-58. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.uh81.scdl>. (10/02/2018).

Migração, deslocamento e educação: construir pontes, não muros⁵

Maria Eta Vieira⁶
Gretel M. Eres Fernández⁷

Resumo: Os movimentos migratórios, tão constantes ao longo da história, nem sempre são vistos com bons olhos por parte daqueles que recebem os estrangeiros. Em muitos casos, não se consideram as causas que geraram tais deslocamentos, se voluntárias ou forçadas, e olha-se para o outro com certo receio ou até mesmo rechaço. Embora a migração seja uma constante no mundo atual, mais do que integrar, se criam muros que marcam a separação entre os indivíduos. Neste texto procuramos discutir brevemente alguns desses aspectos e refletir acerca de possíveis ações e caminhos que, enfocados sob a ótica da educação e de princípios interculturais, podem levar à construção de pontes que propiciem um efetivo acolhimento.

Palavras-chave: Migrações; América Latina; Brasil; Educação; Direitos Humanos.

Resumen: Los movimientos migratorios, tan constantes a lo largo de la historia, no siempre son bien vistos por aquellos que reciben a los extranjeros. En muchos casos, no se consideran las causas que generaron tales desplazamientos, sean éstos voluntarios o forzados, y se mira al otro con cierto recelo o, incluso, rechazo. Aunque la migración sea un hecho constante en el mundo actual, más que integrar se crean muros que marcan la separación entre los individuos. En este texto, buscamos discutir brevemente sobre algunos de estos aspectos y reflexionar acerca de posibles acciones y caminos que, enfocados bajo la óptica de la educación y de principios interculturales, pueden llevar a la construcción de puentes que proporcionen una acogida efectiva.

Palabras-clave: Migraciones; América Latina; Brasil; Educación. Derechos Humanos.

Abstract: The migratory movements, so constant throughout the history, are not always seen with good eyes on the part of those who receive the foreigners. In many cases, the causes of such displacements, whether voluntary or forced, are not considered, and one looks at the other with some fear or even rejection. Although migration is a constant in today's world, instead of integration, walls that mark the separation between individuals are been built. In this text we try to discuss briefly some of these aspects and to reflect on possible actions and paths that, focused on the perspective of education and intercultural principles, can lead to the construction of bridges that allow an effective reception.

Keywords: Migrations; Latin America; Brazil; Education; Human rights.

⁵ Tema do **Relatório de Monitoramento Global da Educação** – RGEM 2019. Este artigo é resultado de parte de pesquisa de Doutorado realizada na Faculdade de Educação da USP, por Maria Eta Vieira, sob orientação da Profa. Dra. Gretel Eres Fernández. Recebido em 30 de novembro. Aceito em 10 de dezembro.

⁶ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Docente de Línguas Adicionais na Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. E-mail: maria.vieira@unila.edu.br.

⁷ Doutora em Educação e Professora aposentada do curso de Licenciatura (Metodologia do Ensino de Espanhol) e da Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP. E-mail: igmefern@usp.br.

Introdução

O título deste trabalho faz referência ao assunto central do **Relatório de Monitoramento Global da Educação 2019** (RGEM) lançado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2018), em Berlim, Alemanha, no dia 21 de novembro de 2018. Mais de dez anos após nossa pesquisa realizada com imigrantes bolivianos frequentadores da feira da Kantuta em São Paulo, migração e educação seguem cada vez mais presentes como temáticas a serem tratadas emergencialmente. A cada dia, as manchetes e reportagens dos jornais, revistas e demais mídias abordam a questão em praticamente todos os continentes: migração dos venezuelanos no Brasil e em outros países da América Latina, refugiados de diferentes países no Reino Unido ou nos Estados Unidos da América, com as graves ameaças feitas pelo presidente Trump, entre tantos outros.

Centrando-nos apenas na situação vivida pelos imigrantes no Brasil e, mais especificamente, voltando nossa atenção ao ano de 2008, quando estudávamos o cenário educacional em São Paulo, pudemos observar que grande número de crianças de outros países estava fora da educação formal. Da mesma forma, também em 2018, o **Relatório** (UNESCO, 2018) citado chama a atenção para o fato de que a quantidade de crianças refugiadas em todo o mundo que não têm acesso à educação é imensa.

Uma das perguntas que nos fazíamos durante nosso trabalho com os bolivianos e seus filhos nos anos 2007 e 2008 coincide com uma das que a Unesco tenta responder hoje: como a educação pode fazer diferença nas vidas das pessoas que migram e nas comunidades que as recebem? Na época, queríamos encontrar resposta a essas perguntas e vislumbrar modos sobre como o ensino de português ajudaria a melhorar a vida de imigrantes e familiares que se encontram no Brasil. Assim como o documento elaborado pela Unesco, também seguimos buscando soluções.

Processos migratórios, ensino e aprendizado

Como tem sido observado em diferentes contextos, regiões e épocas, adaptar-se a ambientes e culturas diferentes pode causar transtornos e frustrações no âmbito emocional e até prejuízos financeiros e sociais. Inclusive quando os deslocamentos são

provocados ou motivados por fatos ou razões aceitáveis tanto na comunidade de partida quanto na que recebe o estrangeiro, como é o caso de uma transferência por motivo de trabalho, estudo ou turismo, o estranhamento é inevitável e, muitas vezes, requer de ambas as partes uma readaptação a novos hábitos e a novos comportamentos.

Pode-se supor que, ademais do apoio por parte da família e das comunidades envolvidas, os indivíduos que saem de seus países por razões profissionais ou acadêmicas normalmente contam também com a proteção e/ou auxílio do Estado ou da instituição à que se vinculam. Esse amparo pode ocorrer, por exemplo, sob a forma de seguro de vida, incentivos financeiros, bolsas de estudo, facilidades e subsídios oriundos de compromissos e acordos diplomáticos entre os países de origem e de destino etc. Além disso, o fato de esses imigrantes portarem documentos que comprovem a permissão de entrada, de permanência e que os autorizem a exercer uma atividade produtiva no país acolhedor converte-se em grande vantagem e contribui para uma melhor adaptação e integração na comunidade receptora.

Essas modalidades (profissional, estudos, turismo) são, entretanto, apenas três das possíveis causas que levam indivíduos a transferir-se de um lugar a outro: nem sempre as migrações são voluntárias, nem sempre há a possibilidade de escolher o local para onde se deseja ir, o tipo de atividade a ser desenvolvida nesse lugar ou, ainda, a relação que se estabelecerá com os habitantes desse novo destino. Existem também as migrações forçadas por conflitos armados, por questões políticas, por fatores climáticos, assim como as provocadas pela busca de melhores condições de vida ou, em alguns casos, para garantir a própria sobrevivência. Há circunstâncias em que, mesmo sem desejar abandonar seu país, o indivíduo se vê obrigado a dele sair para salvar a própria vida ou a de seus familiares, como é o caso daqueles que deixam países em guerra.

A migração voluntária é sempre menos complicada e mais fácil que uma saída forçada. As condições e adversidades pelas quais passa um diplomata, um professor convidado ou um estudante em um país estrangeiro são muito diferentes das geralmente encontradas por um refugiado político ou um indocumentado. Ainda assim, como afirmam GRINBERG e GRINBERG (1984: 28), podem ser identificados traços comportamentais e elementos comuns em algumas das reações emocionais dos sujeitos implicados nessas migrações. A maneira como algumas pessoas lidam com sentimentos de perda e desapego ou com sensações de saudade, tristeza e desamparo pode estar,

muitas vezes, vinculada mais diretamente à formação de caráter que aos próprios motivos pelos quais estão sendo privadas da presença dos entes queridos ou da terra natal.

Movimentos migratórios foram e continuam sendo responsáveis por profundas transformações e reconfiguração de cenários e culturas, uma vez que promovem a recriação e inovação de crenças, estilos de vida e modos de pensar. Há ondas migratórias de diferentes países em determinadas épocas, e o Brasil, ao longo do tempo, tem sido destino de muitos imigrantes.

Uma das características mais evidentes do povo brasileiro deve-se exatamente a essa diversidade de estilos de vida e formas de conceber o mundo que marcou – e continua marcando – a variedade de imigrantes presentes no Brasil. Tradicionalmente tido como um país hospitaleiro, receptivo ao extremo e que valoriza – às vezes até de forma exagerada – o que é estrangeiro, causam estranheza algumas atitudes preconceituosas ou mesmo de rechaço que têm sido observadas com relação a imigrantes e refugiados. Algumas situações são difíceis de serem enfrentadas até mesmo por profissionais qualificados e, no caso de imigrantes com baixo poder aquisitivo e menor conhecimento, formação e/ou estratégias de interação, o estranhamento e o comportamento pouco amigável por parte do brasileiro, em ocasiões, são ainda mais difíceis de serem compreendidos. Isso pode ser percebido até mesmo nas ruas e em transportes públicos, contextos nos quais a exposição do outro e ao outro costuma ser mais evidente e inevitável.

A reação de algumas pessoas ao perceberem a presença de um estrangeiro, falando outra língua, e com traços físicos diferentes é, muitas vezes, de repulsa e de redobrar os cuidados com os pertences. Vemos hoje a mesma reação descrita por IANNI (apud SILVA 2008: 79) com relação à figura do estrangeiro:

O que se observa, em geral, é a transformação da diferença em estereótipos, estigmas, racismos, xenofobia e até mesmo em atitudes extremas como o etnocídio e o genocídio, em que o outro, geralmente o (i)migrante, é transformado em perigo, e muitas vezes é responsabilizado pelos problemas existentes na sociedade que o recebe.

Infelizmente, para algumas pessoas, a condição de estrangeiro e pobre está diretamente ligada a crimes, a desordem, escassez de empregos e de moradia etc. São algumas ideias preconcebidas com relação aos estrangeiros que não têm sustentabilidade e podem ser desmentidas facilmente com dados estatísticos, mas, como se sabe, nem sempre essas estatísticas ou estudos fazem parte do cotidiano das pessoas que convivem mais diretamente com os estrangeiros. Um exemplo é um documento publicado em 2006 pelo Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural (ACIDI) de Portugal, intitulado **Imigração – os mitos e os factos**. Esse texto explicita e tenta quebrar visões distorcidas ou esclarecer as causas da existência de alguns mitos, presentes na sociedade em geral sobre a figura do estrangeiro, que geram preconceitos e intolerância com relação ao imigrante. A proposta do texto é discutir alguns temas polêmicos e responder às seguintes perguntas, contrapondo-as, sempre que possível, com dados estatísticos que comprovem o contrário, como consta em PORTUGAL (s. d.: 3):

- ✓ Os imigrantes estão a invadir-nos?
- ✓ Os imigrantes vêm desgastar a nossa segurança social e são parasitas a viver de subsídios?
- ✓ Os imigrantes estão associados ao crime?
- ✓ Os imigrantes trazem-nos doenças?
- ✓ Os imigrantes "ilegais" são perigosos?
- ✓ Os imigrantes rejeitam Portugal?
- ✓ Os imigrantes vão colocar em risco a nossa cultura e as nossas tradições?

No tocante, por exemplo, ao receio de que os imigrantes poderiam ser considerados invasores, as estatísticas comprovaram que, apesar de ter ocorrido um aumento significativo do número de imigrantes, Portugal não faz parte dos países europeus escolhidos como destino preferido por parte desses indivíduos. Em 2001, o número de imigrantes em Portugal correspondia a 2,1% da população, enquanto, na mesma época, Luxemburgo apresentava uma taxa de cerca de 37%, a Suíça de 19% e Alemanha, Austrália e Bélgica registravam índices entre 8% e 10% (PORTUGAL s.d.: 4).

Recentemente, foi lançado o resultado de pesquisa semelhante que ratifica os resultados obtidos em 2001. Em reportagem intitulada **Os mitos sobre migrações e desenvolvimento são desmontados pelos factos**, publicada em janeiro de 2018, no

Portal VER, a pesquisadora Patrícia Magalhães Ferreira, autora do estudo **Migrações e desenvolvimento**, defende que:

Os migrantes contribuem “de forma muito positiva” para o desenvolvimento dos países de origem e de destino. Mas os mitos sobre esta relação “negligenciada” – que se “perpetuam” e são “aproveitados por discursos populistas e xenófobos” – alimentam “a retórica de que a actual vaga de refugiados põe em causa a sobrevivência económica e política da União Europeia”. O que, na verdade, apenas reflecte “as divisões e a falta de solidariedade entre Estados membros”, como defende a investigadora e autora do estudo “Migrações e Desenvolvimento”.

Continuam sendo desmentidos pela pesquisa mitos como os que afirmam que “os migrantes são um fardo económico para os países onde se instalam, devido à pressão que exercem sobre os sistemas de protecção social e os serviços sociais” ou “que os migrantes tiram emprego aos cidadãos nacionais”. O estudo mostra, ao contrário do que se pensa, que em muitos casos os migrantes atuam de forma decisiva aumentando a força de trabalho em espaços não atendidos pelos nacionais em setores essenciais.

Outro mito tratado na mesma investigação refere-se à dimensão do fenómeno migratório:

Por um lado, a maioria dos migrantes não se desloca dos países mais pobres para os países mais ricos. A maioria dos migrantes internacionais nascidos em países em desenvolvimento reside noutros países pobres, uma vez que as pessoas têm tendência a deslocarem-se para países próximos ou vizinhos do seu, e/ou para países onde existam laços históricos e culturais. Também no caso dos refugiados, 86% reside nos países em desenvolvimento. Se olharmos para a recente “crise migratória” na Europa, verificamos que a vaga de migrantes e refugiados nos últimos três anos representa apenas cerca de 1% da população europeia (se fizermos uma estimativa de 5 milhões, num total de 500 milhões de habitantes). A retórica de que a actual vaga de migrantes e refugiados põe em causa a sobrevivência económica e política da União Europeia não faz, portanto, qualquer sentido do ponto de vista da quantidade de migrantes, mas sim pelo facto de esta questão ter trazido a lume as divisões existentes no seio da União Europeia e a falta de solidariedade entre Estados-Membros (quer na recolocação de refugiados, quer no apoio à Itália e à Grécia, que sofrem particularmente a pressão migratória).

Nota-se, portanto, que os processos migratórios são, por natureza, bastante complexos e envolvem aspectos muito variados, que vão desde questões políticas ou econômicas, passando por problemas sociais, e que envolvem, também, pontos cruciais, como princípios éticos, crenças, estereótipos, língua e cultura, entre muitos outros. Contudo, não é possível desconsiderar o fato de que eles são tão antigos e constantes quanto a própria humanidade e, como afirma APPADURAI (2015: 112) “la movilidad humana es un aspecto más definitivo que excepcional de la vida social del mundo en que vivimos”⁸. Nesse sentido, mais do que criticar esses movimentos, o caminho a seguir é o de buscar aproximações harmoniosas.

A cultura como ponte nos deslocamentos

Se o objetivo é romper estereótipos e passar a ver o migrante como alguém que merece respeito e acolhimento, não se pode ignorar que ele, ao deixar seu país, leva consigo uma história, uma cultura e muitos sonhos e, ao entrar em contato com a realidade do país estrangeiro, terá que readequar tais sonhos, expectativas e desejos ao novo cenário. Contudo, como é sabido, esse encontro pode dar-se de diferentes maneiras, provocando desde uma coexistência e convivência pacíficas entre os valores e costumes das comunidades envolvidas até repulsa e marginalização do estrangeiro. De todas as formas, haverá sempre um rearranjo de valores e comportamentos, uma negociação de sentidos entre os indivíduos que participam da experiência. Esse contato entre os diferentes é denominado, segundo alguns autores, choque cultural e pode ser dividido em fases ou estágios, que resumimos a seguir baseando-nos, principalmente, nas pesquisas de SCHUMANN (1992: 134) e OBERG (1960 apud BUENO 2004: 91):

1. *fase de euforia ou estágio lua de mel*: estado de excitação e entusiasmo pelas novidades oferecidas no novo país. Perspectiva do turista ou espectador; nesse momento as culturas – próprias e alheias – não são questionadas;
2. *fase de estranhamento, choque cultural ou desilusão*: começam a surgir os primeiros desconfortos, dificuldades de interação e conseqüente rejeição de alguns aspectos da cultura local, culpabilização da cultura estranha e glorificação da cultura própria;

⁸ “a mobilidade humana é um aspecto mais definitivo do que excepcional da vida social do mundo em que vivemos” (Tradução livre nossa).

3. *fase de mal-entendidos*: quando os indivíduos começam a sentir-se mais confortáveis e, gradualmente, aceitam a nova cultura, passando a entender melhor o comportamento das pessoas. Sentem-se menos isolados, mais familiarizados com os costumes e condições, aprendem com a comunidade e progressivamente tornam-se capazes de operar a rotina diária apesar de alguns distúrbios; os eventuais conflitos são entendidos como resultado de mal-entendidos causados por diferenças culturais.

4. *fase de entendimento*: as novas regras de jogo são entendidas, aceitas, aprendidas e finalmente valorizadas; os indivíduos passam a gostar da cultura e suas rotinas diárias tornam-se fáceis de conduzir. Os aspectos positivos da nova cultura são percebidos e nasce um sentimento de pertencer ao local.

Independentemente das causas que provocam as migrações (se elas são voluntárias ou forçadas), é de se esperar que se dê a interação dos indivíduos em todos os âmbitos: cultural, social, profissional, familiar. Essa interação, entretanto, nem sempre será sinônimo de integração, pois existe “tanto hospitalidade como rejeição. Algumas pessoas se adaptam ao seu novo ambiente, enquanto outras não conseguem fazer isso. Há os que desejam ajudar e os que desejam excluir” (UNESCO 2018: 6).

No caso do encontro entre as culturas, pode ocorrer por sua vez o que alguns autores denominam de aculturação, isto é, o “conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos (*patterns*) culturais iniciais de um ou dos dois grupos” (CUCHE 2002: 115).

Essas mudanças nos modelos culturais ocorridas no processo de aculturação podem levar a diferentes formas de relacionamento entre os membros das culturas em contato devido a uma série de fatores, sendo um deles a vontade – ou não – de integrar-se e fazer parte de determinado grupo. Entre as formas de relação que se verificam estão, por exemplo, as citadas por PEREIRA, PIMENTEL e KATO (2004: 5):

✓ *assimilação* – última fase da aculturação e que raramente ocorre, pois consiste na supressão total dos traços e modelos da cultura de origem e interiorização completa da cultura estrangeira;

✓ *separação/segregação* – não há troca entre os modelos culturais e sim a preservação completa da cultura de origem e rejeição profunda da nova cultura;

✓ *marginalização* – no contato entre os modelos culturais o indivíduo, além de não adquirir o modelo da nova cultura, perde os referenciais e não consegue preservar a sua própria cultura;

✓ *integração* – estágio intermediário, no qual os indivíduos inserem-se na cultura do outro e, ao mesmo tempo, continuam pertencendo e reconhecendo sua própria cultura.

É nesses termos e esse tipo de comportamento que se propõe a educação intercultural, em GARCÍA (1999: 114): “la integración social del extranjero, sin renunciar a sus señas de identidad”⁹.

Ao estudar o termo aculturação vinculado ao processo de ensino e aprendizagem de uma segunda língua ou de uma língua estrangeira, SCHUMANN (1992: 129-134) descreve vários aspectos que interferem diretamente e afetam o modo pelo qual determinados grupos aprendem, ou não, a língua de outro grupo em situação de contato entre as culturas num país estrangeiro. Entre os principais fatores apresentados pelo autor temos os relacionados à distância social e à distância psicológica e que estão divididos da seguinte forma:

a) distância social: quanto maior for a distância social entre os grupos, maior será a dificuldade em se aprender a língua do outro. Essa distância pode ser observada nos seguintes termos:

- ✓ dominação / não-dominação / subordinação com relação à política, tecnologia, cultura e economia;
- ✓ modelo de integração - assimilação, aculturação, preservação;
- ✓ grau de reclusão - cada grupo procura manter suas formas associativas como clubes, escolas, igrejas etc.;
- ✓ grau de coesão - como os indivíduos agrupam-se para viver e trabalhar, divertir-se etc.;
- ✓ tamanho - dimensão do grupo;
- ✓ congruência - grau de semelhança entre as culturas;
- ✓ atitude - como cada grupo julga o outro;
- ✓ tempo de residência - tempo que o imigrante pretende permanecer no país.

b) distância psicológica:

- ✓ choque linguístico – medo de equivocar-se, dificuldade para escolher as palavras etc.;
- ✓ choque cultural – diferenças comportamentais;

⁹ “A integração social do estrangeiro, sem renunciar a seus traços de identidade” (Tradução livre nossa).

- ✓ motivação – desejo de relacionar-se com o outro;
- ✓ permeabilidade – possibilidade de interagir com o outro.

Esses fatores, assim como as demais considerações e aspectos sobre os quais discorreremos neste tópico, são de grande importância quando se lida com relações entre indivíduos e entre grupos sociais e devem, a nosso ver, servir de norteadores para o trabalho de professores de línguas estrangeiras em geral e, especialmente, de Português Língua Estrangeira (PLE). Assim, muitas vezes, na tentativa de aproximar o aluno à nossa língua, à nossa cultura e às nossas formas comportamentais, favorecemos o surgimento de equívocos e mal-entendidos ou, empenhados em fazê-lo conhecer nossa forma de ser, pensar, agir e expressar-nos, damos informações nem sempre pertinentes para que ele tenha um desempenho adequado em determinadas situações em que de fato precisa usar o idioma nacional. Tal atitude pode, em vez de contribuir para o entendimento, reforçar uma imagem caricatural do estrangeiro como alguém que desconhece nosso cotidiano ou, ainda, incentivar preconceitos e aumentar a distância social e psicológica entre os alunos estrangeiros e os brasileiros.

Ações possíveis e necessárias

Desde o início de nossos contatos com os imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo, com seus filhos e com algumas escolas da região do Brás, Pari e Bom Retiro percebemos que, como se afirma no **Relatório** (UNESCO 2018: 5),

A oferta educacional por si só não é suficiente. O ambiente escolar deve se adaptar e apoiar as necessidades específicas dos migrantes. Incluir imigrantes e refugiados nas mesmas escolas da população local é um ponto de partida importante para se construir a coesão social. No entanto, o formato das aulas e a língua na qual elas são ministradas, bem como a discriminação, são fatores que podem afugentá-los.

Durante a realização de nossos estudos defendíamos a ideia de que a formação dos professores, tanto inicial quanto continuada, é ponto essencial para que se favoreça a inclusão de estudantes imigrantes, uma vez que é necessário ter consciência dos

diferentes aspectos que afetam o processo de ensino e aprendizagem de PLE para esse público a fim de promover cursos e aulas capazes de considerar, de maneira adequada, a efetiva integração dos indivíduos e não apenas o domínio linguístico. Imediatamente após a conclusão da pesquisa doutoral na qual foi abordada, entre outros assuntos, a formação inicial de professores de uma universidade particular, passamos a desenvolver atividades vinculadas à Secretaria de Educação de São Paulo relacionadas à formação de professores em exercício, especificamente de escolas com grande número de estudantes bolivianos. Vale destacar que, em algumas dessas instituições, a quantidade de imigrantes chegava à marca correspondente a 70% da turma.

Em concordância com o que propõe o **Relatório** já citado no que se refere ao papel das instituições de ensino superior, a Universidade de Integração Latino-americana (Unila) abriu um edital exclusivo para indígenas e outro para refugiados para o próximo ano (2019). E, concomitantemente, estão ocorrendo reuniões e atividades de formação com todos os servidores para melhor lidar com esses novos ingressantes, pois, de acordo com o documento publicado pela UNESCO (2018: 10),

Os sistemas educacionais devem ser inclusivos e cumprir seu compromisso em relação à equidade. Os docentes precisam ser preparados para lidar com a diversidade e com os traumas associados às migrações e, principalmente, aos deslocamentos. O reconhecimento de qualificações e estudos anteriores precisa ser modernizado para que as habilidades de migrantes e refugiados sejam aproveitadas ao máximo, o que contribui muito para a prosperidade de longo prazo.

O mencionado **Relatório** surge no momento em que se apresentam duas iniciativas importantes: o *Pacto Global por uma Migração Ordenada, Regular e Segura* e o *Pacto Global sobre Refugiados*. Em julho de 2018, os Estados Membros das Nações Unidas firmaram um acordo, com o objetivo de acompanhar melhor a migração internacional, enfrentar os desafios, fortalecer os direitos e garantir dignidade e proteção para os migrantes. Segundo o presidente da Assembleia Geral da ONU, Miroslav Lajčák, o acordo não visa a encorajar nem impedir a migração, não dita nem impõe normas aos Estados membros, que têm sua soberania garantida. Acrescenta ainda que o acordo, segundo consta no portal das Nações Unidas no Brasil (ONUBR 2018: s.p.),

Ele pode nos guiar para passarmos de um modo reativo para um proativo. Pode nos ajudar a extrair os benefícios da migração e mitigar os riscos. Pode fornecer uma nova plataforma para cooperação. E pode ser um recurso para encontrar o equilíbrio certo entre os direitos das pessoas e a soberania dos Estados.

Outro documento que tem como mote os pilares fundamentais de humanidade e solidariedade internacional é o *Pacto Global para Refugiados* (UNHCR-ACNUR 2018) que segue o princípio da não-repulsão e cujos objetivos centrais são: diminuir a pressão em países de acolhimento; aumentar a autossuficiência dos refugiados; expandir o acesso a soluções de países terceiros; apoiar condições nos países de origem para retorno com segurança e dignidade. O documento final do pacto será apresentado pelo Alto Comissariado em seu relatório anual de 2018 à Assembleia Geral.

Em conformidade com esses documentos, a Unila lança neste ano de 2018, além do costumeiro edital para ingresso de estudantes não brasileiros, outros dois bastante específicos: um, para indígenas aldeados e outro para refugiados. Também acontecem reuniões e formações específicas dos servidores, tanto docentes como técnicos, para que as atividades possam ir muito além da “tolerância, que pode ser uma máscara da indiferença”, posto que a educação é e tem que se firmar como “ferramenta essencial para combater preconceitos, estereótipos e a discriminação”, tendo em vista que, como alerta o **Relatório**, “Se forem mal planejados, os sistemas educacionais podem promover representações negativas, parciais, excludentes ou depreciativas de imigrantes e refugiados” (UNESCO 2018: 10).

O Edital nº 01/2018/PRAE/PROGRAD/PROINT/REITORIA-UNILA, de 18 de Julho de 2018, estabelece e regulamenta o processo de seleção para refugiados ou portadores de visto humanitário em território brasileiro para o ingresso nos 29 cursos de graduação da Unila, para o ano letivo de 2019. Para a publicação desse edital foram considerados, além da legislação brasileira, em especial, as Leis nº 12.189/2010, nº 12.711/2012 e nº 9.394/1996, a Resolução COSUEN nº 02/2018, bem como uma série de documentos que reforçam os direitos de refugiados à educação e de serem tratados com dignidade e respeito. Assim, conforme consta nesse chamamento público (BRASIL 2018), devem ser levados em consideração vários pontos da maior importância, tais como:

- que a dignidade da pessoa humana é um dos fundamentos da República Federativa do Brasil (art. 1º, III CF/88);
- que a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, e a promoção do bem de todas(os), sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação são objetivos da República Federativa do Brasil (art. 3º, I, IV CF/88);
- que a prevalência dos direitos humanos e a construção de relações baseadas na cooperação entre os povos para o progresso da humanidade regem a República Federativa do Brasil em suas relações internacionais (art. 4º, II, IX CF/88);
- os compromissos assumidos pela República Federativa do Brasil com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), o Pacto Internacional sobre Direitos Cíveis e Políticos (1966), e o Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966);
- as obrigações assumidas pela República Federativa do Brasil com a Carta da Organização dos Estados Americanos (1947) e a Convenção Americana sobre Direitos Humanos – Pacto de San José da Costa Rica (1969);
- as obrigações assumidas pela República Federativa do Brasil com a Convenção das Nações Unidas relativas ao Estatuto dos Refugiados – Convenção de Genebra (1951), o Protocolo Adicional ao Estatuto dos Refugiados (1967), a Declaração de Cartagena sobre os Refugiados (1984), a Declaração sobre os Direitos Humanos dos Indivíduos que não são Nacionais do País em que Vivem (1985), e a Declaração e Plano de Ação do Brasil (2014);
- que o Supremo Tribunal Federal assentou o caráter supralegal, mas infraconstitucional, que os tratados sobre os direitos humanos possuem no ordenamento jurídico brasileiro (RE466.343/SP, RE 349.703/RS, e ADI 5.240/SP);
- o disposto na Lei nº 9.474/97, em especial o previsto em seu artigo 44, sobre a facilitação do ingresso em instituições acadêmicas de todos os níveis;
- a Lei nº 13.445/17, a Lei de Migração, cujo inciso X assegura o direito à educação pública, sendo vedada a discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória, bem como o Decreto 9.199/17, que a regulamenta;
- a Resolução Normativa nº 97/12 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), que dispõe sobre a concessão do visto permanente a nacionais do Haiti;
- a Resolução Normativa nº 17/13 do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), que dispõe sobre a concessão de visto apropriado a indivíduos forçosamente deslocados por conta do conflito armado na República Árabe Síria;
- o entendimento de que a migração e o refúgio são fenômenos sociais com potencial agravamento das violações dos direitos humanos;
- a atual situação dos refugiados e migrantes em situação de vulnerabilidade no Brasil;
- o disposto na Lei nº 13.684, de 21 de junho de 2018 sobre medidas de assistência emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária.

O lançamento destes Editais e esse conjunto de documentos estão em consonância com os **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2030**, principalmente com o *Objetivo 4*, que busca “assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade,

e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”, assim como com o *Objetivo 16*, voltado a “Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis” (PLATAFORMA AGENDA 2030 2015: s.p.)

Como se observa, é possível implementar medidas que levem em conta as necessidades, o acolhimento e a integração dos migrantes, via ações educacionais. A nosso ver, esse não é, certamente, o único caminho, mas não resta dúvida de que ele é imprescindível.

A modo de conclusão

Nas páginas precedentes procuramos esboçar e discutir alguns pontos dos complexos processos migratórios que afetam não só aqueles que se deslocam de seus países de origem como também aqueles que vivem nos territórios de acolhida.

Nossa atenção incide, principalmente, no importante papel que exerce a educação como elemento crucial para que ocorra, não só a recepção do estrangeiro, mas a sua efetiva integração. Para tanto, é preciso mudar, num primeiro momento, o olhar sobre os deslocamentos, já que muitas vezes ele está impregnado de estereótipos, preconceitos e posturas xenófobas que fomentam a rejeição ao outro e lhe atribuem marcas negativas de toda índole, como desconfiança e repulsa.

Porém, esse é apenas o primeiro passo de um longo caminho. É fundamental implementar ações capazes de promover o efetivo acolhimento daqueles que aqui chegam motivados seja por causas voluntárias ou forçadas. Mais do que considerar o estrangeiro como aquele que pode nos tirar algo – por exemplo, um posto de trabalho, como muitos afirmam –, convém encará-lo como alguém que vem para somar, afinal, além das suas experiências e vivências, ele nos aproxima a uma cultura diferente da nossa e conhecê-la só nos enriquece.

Referências bibliográficas

APPADURAI, A. Soberanía sin territorialidad - Notas para una geografía posnacional. In: *Nueva Sociedad*. 2015. http://nuso.org/media/articles/downloads/2799_1.pdf. (23/11/2018).

BRASIL. MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. *Edital n° 01/2018/PRAE/PROGRAD/PROINT/REITORIA-UNILA*, de 18 de julho de 2018. <https://unila.edu.br/documentos/tags/refugiados-visto-humanit-rio-ingresso-2019>. (29/11/2018).

BUENO, J. M. *O processo de expatriação como instrumento de integração de cultural em uma organização no Brasil: o caso Renault*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2004.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

GARCÍA, P. El enfoque intercultural en la enseñanza de español a inmigrantes. In: *Carabela* 45, 1999, 107-124.

GRINBERG, L; GRINBERG, R. *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madri: Alianza, 1984.

PORTAL ONUBR. *Estados-membros da ONU aprovam primeiro pacto global sobre migração*, 13 set. 2018. <https://nacoesunidas.org/estados-membros-da-onu-aprovam-primeiro-pacto-global-sobre-migracao/>. (29/11/2018).

PEREIRA, N. A. F.; PIMENTEL, R.; KATO, H. T. Expatriação e estratégia internacional: o papel da família como fator de equilíbrio na adaptação do expatriado. In: *Anais do XXVIII Encontro da ANPAD*, 2004. Curitiba. CD-ROM. http://www.anpad.org.br/rac/vol_09/dwn/rac-v9-n4-nfp.pdf. (29/11/2018).

PLATAFORMA AGENDA 2030. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, 2015*. http://www.agenda2030.org.br/os_ods/. (29/11/2018).

PORTAL VER. *Os mitos sobre migrações e desenvolvimento são desmontados pelos factos*, 2018. <http://www.ver.pt/os-mitos-sobre-migracoes-e-desenvolvimento-sao-desmontados-pelos-factos/>. (29/11/2018).

PORTUGAL. ALTO COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO E O DIÁLOGO INTERCULTURAL. (ACIDI) DE PORTUGAL. *Imigração: os mitos e os factos*. s. d. <http://www.infoeuropa.euroid.pt/files/database/000044001-000045000/000%20044407.pdf>. (29/11/2018).

SCHUMANN, J. H. La adquisición de lenguas segundas: la hipótesis de la pidginización. In: LICERAS, J. M. *La Adquisición de las Lenguas Extranjeras*. Madri: Visor, 1992.

SILVA, S. A. da. O Imigrante boliviano e o papel da cultura em suas trajetórias. In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura* 2(16), 2008, 79.

UNESCO. *Relatório de Monitoramento Global da Educação 2019 (RGEM)*, Berlim - 2018. <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/education-2030/gem-report/>. (29/11/2018).

UNHCR-ACNUR. *Rumo a um Pacto Global sobre refugiados*, 2018. <https://www.acnur.org/portugues/rumo-a-um-pacto-global-sobre-refugiados/>. (29/11/2018).

VIEIRA, M.E. *Ensino e aprendizagem de português língua estrangeira: os imigrantes bolivianos em São Paulo. Uma aproximação sociocultural*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 2010. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14062010-113848/pt-br.php>. (29/11/2018).

Desterritorialização em Alfredo Molano¹⁰

Manoel de Brito Oliveira Segundo¹¹

Juliana Helena Gomes Leal¹²

Resumo: Este trabalho objetivou refletir, por meio de levantamento, leitura e análise de referencial bibliográfico, sobre o processo de desterritorialização das vítimas do conflito armado na Colômbia. Os *desterritorializados* colombianos são sujeitos indígenas e afrodescendentes, em sua maioria, que estão no meio de um conflito armado. Inicialmente, intenciona-se discutir o processo de desterritorialização acometido por esses sujeitos a partir do que pensam AGAMBEN (2004) e outros. Na sequência, apresenta-se uma leitura interpretativa desse processo à luz de duas crônicas (“Ángela” e “Osiris”) da obra *Desterrados: crônicas del desarraigo*, do escritor Alfredo Molano. Percebeu-se, por meio desta pesquisa, que o conflito armado não terá fim enquanto os direitos desses povos não forem respeitados. Enquanto existir um Estado que se preocupa apenas com o crescimento econômico do país, contudo, esquece do social e humano, o conflito atravessará os anos, como vem acontecendo durante mais de meio século na Colômbia.

Palavras-chave: Literatura; América Latina; Colômbia; Conflito armado; *Desterritorialização*.

Resumen: El objetivo de este trabajo es reflexionar, por medio del levantamiento, lectura y análisis de referencial bibliográfico, sobre el proceso de desterritorialización de las víctimas del conflicto armado en Colombia. Los desterrados colombianos son sujetos indígenas y de ascendencia africana, en su mayoría, que están en el medio de un conflicto armado. Inicialmente se objetiva discutir el proceso de desterritorialización afligido por estos sujetos por medio de lo que piensan AGAMBEN (2004) y otros. Enseguida, se presenta una lectura interpretativa de este proceso a partir de dos crónicas (“Ángela” y “Osiris”) de la obra *Desterrados: crónicas del desarraigo* (2001), del escritor Alfredo Molano. Fue perceptible, por medio de esta investigación, que el conflicto armado no tendrá fin mientras los derechos de estos pueblos no sean respetados. Mientras haya un Estado que se preocupa sólo por el crecimiento económico del país, pero se olvida de lo social y lo humano, el conflicto atravesará los años, como viene sucediendo más de medio siglo en Colombia.

Palabras-clave: Literatura; América Latina; Colombia; Conflito armado; Desterritorialización.

1 Introdução

É sempre bom nos localizarmos no mundo, saber onde estamos, quem são nossos vizinhos e quais são as relações que temos com eles. Além disso, faz-se

¹⁰ Recebido em 4 de setembro de 2018. Aceito em 29 de outubro.

¹¹ Bacharel em Humanidades pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: manoel.segundo@ufvjm.edu.br.

¹² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: juliana.leal@ufvjm.edu.br.

necessário conhecê-los, pois todos nós possuímos um laço em comum: nossa humanidade. Por considerar esse elo, este trabalho é um esforço humano sincero cujo olhar se centra e se preocupa com as questões sociais relativas à América Latina, especificamente, a Colômbia.

Vasto em território e pequeno no que diz respeito à distribuição igualitária do espaço físico/terra, a Colômbia é um país que passa por um conflito armado que roubou/rouba a vida de suas vítimas. A posse de terras é o cerne do conflito armado colombiano. Quando falamos de "terra" não nos referimos somente ao espaço físico e suas fronteiras. O termo tem uma significação que vai além, pois consideramos a relação que os povos tradicionais têm com esse espaço físico. Ancestralidade e pertencimento são alguns fatores que fazem dessa "terra" território.

Os colombianos estão sendo empurrados, há décadas, das zonas rurais para bairros urbanos, agravantes que contribuem para a degradação humana e social desses sujeitos. Esse processo é aqui definido como *desterritorialização*, movimento de expulsão do seu local natal que interfere brutalmente em seus cotidianos, alterando hábitos como, por exemplo, trabalhar a terra, produzir o próprio alimento, transmitir práticas culturais, religiosas etc.. Em sua grande maioria, os sujeitos que vivenciam esse drama são afro-colombianos e indígenas, povos que têm relações diferentes com seu lugar natal. Sair de um lugar no qual se é importante, um ser social ativo e necessário, para outro onde simplesmente existir não faz diferença, é amputar seus direitos, fundamentalmente seu direito à existência. Ser excluídos da sociedade os faz caminhar pela trilha da degradação humana. Sua existência agora é ser um *homo sacer*, que integra uma sociedade por meio de sua exclusão.

Para abordarmos a temática, fizemos aqui um recorte e analisamos duas crônicas, a saber: “Ángela” e “Osiris”, do livro *Desterrados*. Esta pesquisa justifica-se pela importância de dar visibilidade aos problemas sociais que os povos da América Latina enfrentam, especificamente, o povo colombiano. Além disso, intencionamos levar ao conhecimento do público a quase secular existência desse processo que se agrava com o decorrer dos anos para, a partir daí, repensarmos nossa relação com o próximo, com um olhar mais conhecedor de seus problemas. Relembrar os atos de crueldade pelos quais passam os colombianos é um exercício de memória. Lembrar é um ato de resistência.

Nosso trabalho fará uma abordagem qualitativa do tema, utilizando a pesquisa bibliográfica como principal fonte. Segundo GIL (2008: 50), “pesquisa bibliográfica é definida como oriunda de material anteriormente elaborado, constituída principalmente de artigos científicos, livros, revistas”.

2 Definição dos termos: exílio, refugiado, expatriado, emigrado e desterritorializado

Segundo SAID, a palavra exílio “tem origem na velha prática de banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro” (2003: 54). O exilado sempre será o deslocado, aquele que não faz parte do círculo no qual está inserido. Fazer parte dele, para o autor, seria somente usufruir de um mesmo espaço físico, em que, não necessariamente, se estabelecem relações sociais, porque o exilado será sempre o “ele” e não o “nós”.

Já o termo refugiado é “uma criação do Estado do século XX. A palavra ‘refugiado’ tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnordeada que precisa de ajuda internacional urgente” (SAID 2003: 54).

Expatriados diz respeito aos que “moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais” (SAID 2003: 54). Dito assim, é uma opção se expatriar. As causas ficam a cargo dos que optam por sair de sua cidade natal e ir para outros lugares. Já os emigrados “gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para outro país. Claro, há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar” (SAID 2003: 54).

Para entendermos o termo “desterritorializado” (termo ligado à “desterritorialização”), que será utilizado neste trabalho, é necessário discorrer um pouco sobre terra e território a fim de percebermos a relação que há com os termos abordados no início e com o que será utilizado nesta pesquisa.

Para Delgado, “por *terra* se entende a base física e produtiva de um território. Por *território* se entende o conjunto de relações e representações que se constroem a partir da terra” (2009: 10, tradução minha). Entende-se, então, que o termo terra é definido como um espaço físico e que o território é determinado pelas relações que certa comunidade tem com a terra. Portanto, não existe território sem terra, mas existem

terras sem que elas sejam territórios. Por exemplo, terras devolutas, improdutivas, que estão em processo de desertificação, quando ocupadas por um grupo que deseja torná-las úteis, serão reclamadas a ferro e fogo por “seus donos”. Assim, não podemos definir os sujeitos colombianos que são expulsos de suas casas como exilados, pois, de acordo com a definição, o termo não dará conta da complexidade que é a situação vivenciada por eles. A questão é de tal natureza, pois não diz respeito à redistribuição de terras, mas sim à expulsão dos indivíduos de seus territórios. De igual modo, não podemos denominá-los refugiados, porque o processo de saída não se deu para além das fronteiras nacionais, mas sim dentro do próprio país. Expatriados eles também não são, pois não saíram de seu país. No processo de emigração, segundo SAID (2003: 54), sempre há uma questão de escolha, que não é o caso dos colombianos que saem, ou melhor, são expulsos de suas comunidades rurais. São, portanto, para nós, desterritorializados, porque ocorre a expulsão de seus territórios, espacialidade sagrada dentro da qual as relações comunitárias são desenvolvidas.

Quando falamos de colombianos desterritorializados ou em processo de desterritorialização, nos referimos àqueles que não se sentem pertencentes aos locais para os quais são obrigados a ir, uma vez que neles, diferentemente do que acontece em seus territórios de origem, não podem exercer plenamente suas necessidades socioculturais. Para DELGADO,

[...] os camponeses e os afrodescendentes, igual aos povos indígenas, também construíram relações e representações entre suas formas de vida e o entorno físico no qual se desenvolvem suas culturas. Portanto, o conceito de território permite-nos compreender as relações que constroem os seres humanos entre si (sem importar sua condição étnica) e com seu entorno, no qual se encontram presentes. O território é, portanto, um conceito que se constrói e se reproduz socialmente (2009: 10-11, tradução minha).

A situação deles está baseada, portanto, numa relação que vai mais além da terra como espaço físico. Ela está intrinsecamente ligada ao território, pois é nele que se estabelecem, e são fortalecidas, relações de ancestralidade, pertencimento, cooperação, coletividade etc..

3 Contexto histórico do conflito armado na Colômbia

A composição geográfica da Colômbia se distribui em mais de um milhão de quilômetros quadrados, sendo mais da metade composta por selvas tropicais e cadeias de montanhas que ainda não foram exploradas. O país enfrenta, há cinco décadas, um conflito armado que gerou e ainda gera desterritorialização e mortes. Segundo RESTREPO (apud COLORADO 2015), no país, o número de mortos pelo conflito já é de sete milhões de vítimas – saldo mortuário sempre debitado na conta dos mais fracos e “desprotegidos”. De acordo com Centro de Memória Histórica (apud LEAL no prelo: 8), geralmente, “são indivíduos oriundos da zona rural, como indígenas e afro-colombianos. A população indígena representa 2,7% do total populacional do país e quase 3.900.000 (3,4%) estão em situação de desterritorialização interna”. De acordo com informações do Centro de Memória Histórica:

[...] nos dados demográficos de 2005, se estima que cerca de 15% do total da população afro-colombiana e 10% da população total indígena vêm sendo desterritorializada, 87% da população expulsa de suas regiões vivia no campo; alguns afro e indígenas, em territórios coletivos reconhecidos pelo Estado. Em um país que tem um problema agrário persistente, com uma história marcada pelo difícil acesso à terra, se calcula que 8,3 milhões de hectares têm sido saqueados ou abandonados à força. 99% dos municípios colombianos foram expulsantes. À luz das cifras precedentes, não é excessivo caracterizar a Colômbia com uma nação desterritorializada (apud LEAL no prelo: 17).

Esses dados têm precedentes. Nos anos 50, o embate entre conservadores e liberais custou a vida de mais de 300 mil camponeses, gerando desterritorialização de muitas pessoas que tinham uma forte ligação com o território. Na mesma década, como consequência disso, houve a tentativa de um acordo de paz entre os envolvidos – liberais e conservadores – e os partidos puseram “fim” ao conflito. Porém esses confrontos entre os grupos impulsionaram, nos anos sessenta, o surgimento de vários outros como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o Exército de Libertação Nacional (ELN). O primeiro teve sua origem nos movimentos de camponeses de autodefesa e tinha ligação com o Partido Comunista e com setores radicais do liberalismo. Foi fortemente atacado pelo governo e, em consequência, converteu-se em grupos de guerrilhas móveis. O ELN possui cunho urbanizado e nasceu

durante o fluxo da Revolução Cubana, instalando-se no campo, assim como as FARC. Há também outros grupos como os indígenas (Movimento Armado Quintín Lame), os maoístas (EPL) e os nacionalistas (M-19), os paramilitares/autodefesa que são aliados militares, porém, se voltaram para a atividade de tráfico, por isso são conhecidos dentro do país como os *narco*. Eles, os *narco*, têm um forte confronto com as guerrilhas e os grupos de esquerda, que dura até hoje. O espalhamento desse grupo na Colômbia se deu através de saqueios, matança, apropriação indevida de terras etc. (RESTREPO apud COLORADO 2015: 13-14). Como agravante disso, na Colômbia, “em finais dos anos setenta e início dos oitenta, o país tinha uma das mais variadas coleções de insurgências do mundo e um Estado que não hesitava em recorrer à tortura e o desaparecimento forçado para enfrentar a ‘subversão’, como passou a chamá-las”¹³ (RESTREPO apud COLORADO 2015: 14).

A luta pela posse de território foi “definida” pelo Governo como subversão. Como consequência disso vieram os ataques aos grupos, como forma de “punição” ou enquadramento da lei por parte do Estado. Estado esse que deveria proteger e não negar os direitos de posses e os meios de (sobre)vivência (acesso à terra)¹⁴. São considerados subversivos todos aqueles que lutam por seus territórios, sejam eles camponeses, afro-colombianos ou indígenas. Ou seja, deslegitimam-se suas causas, marginalizando o movimento do campesinato e, conseqüentemente, os envolvidos. Assim, perde-se a credibilidade frente à população “não participante” das lutas pelo território, que acreditará naquilo que escuta e não no que verdadeiramente é o movimento de resistência, por não estar envolvida diretamente nessas questões. Assim, “o poder chama de ‘terrorista’ quem o assusta, que nem sempre coincide com quem assusta a população. Há casos que coincidem, sem dúvida, mas há outros em que o mais aterrorizador é seu próprio governante”¹⁵ (GAMBOA 2014: 122, tradução minha).

O caráter subversivo desses movimentos de luta pelo direito à posse de terras configura-se como um gesto de combate à negligência do Estado quanto à promoção do

¹³ “Para fines de los años setenta y comienzos de los ochenta, Colombia tenía una de las más variopintas colecciones de insurgencias del mundo y un Estado que no vacilaba en recurrir a la tortura y la desaparición forzosa para enfrentar la ‘subversión’, como dio en llamarla” (RESTREPO apud COLORADO 2015: 14).

¹⁴ Usamos o termo terra, mas com o sentido de território. Terra essa na qual se estabelecem relações de usos e práticas sociais.

¹⁵ “El poder suele llamar terrorista a quien lo asusta a él, que no siempre coincide con quien asusta a la población, hay casos en que sí coincide, sin duda, pero hay otros en que lo más terrorífico para un pueblo es su propio gobernante” (GAMBOA 2014: 122).

acesso aos direitos fundamentais para constituição de uma vida digna. A negação do “chão” é a negação da vida, da existência, pois é da terra que tiramos nosso alimento, onde construímos abrigo, criamos e fortalecemos relações que vão muito além de questões materiais. Há, portanto, um mutualismo entre ser humano e terra. Para

[...] os indígenas dos Andes americanos, a terra é *Pachamama*, mãe de todas as coisas e todas as pessoas, sustento primário da vida, protetora do equilíbrio, razão primária da nossa existência. Tudo existe em seu seio, nada pode ser concebido fora dela. A *Pachamama*, a terra, é a que nos permite a existência¹⁶ (DELGADO 2009: 9, tradução minha).

A terra a qual se refere DELGADO (2009) não é qualquer uma, é a terra/território. Devemos ter em mente que a luta não é, portanto, exclusivamente por algo físico/material (terra), como poderia fazer crer o pensamento capitalista. Terra há, e muita, como foi apresentado no início deste trabalho. A questão que subjaz as lutas não pode ser reduzida, portanto, a “um pedaço de chão”.

A *Pachamama*¹⁷ nos permite a existência e esse direito está sendo roubado desses sujeitos (afro-colombianos, indígenas, camponeses), que se negam a sair de seus territórios até o último momento, para cortarem suas raízes e fiquem perambulando como seres desumanizados e sem lugar no mundo.

Dito isso podemos atribuir a esses sujeitos desenraizados a condição de *homo sacer*, termo definido por AGAMBEN (2004) para nomear os sujeitos que, mesmo quando considerados “culpados”, não podem ser levados ao sacrifício e, mesmo que sejam sacrificados, suas mortes não se constituem como homicídios. Esse raciocínio nos leva a fazer das indagações de BUTLER (2016) as nossas neste trabalho, quando reflete sobre “quais são as mortes consideradas dignas de luto” (2016: 47).

Logo, se temos vidas que não são enlutáveis porque se encontram na condição de *homo sacer*, elas são vidas “que não valem a pena”, por determinação. São vidas que não valem a vida. Exemplo disso é o resultado do conflito armado: inúmeros cadáveres

¹⁶ “los indígenas de los Andes americanos, la tierra es la Pachamama, madre de todas las cosas y de todas las personas, sustento primario de toda vida, protectora del equilibrio, razón primaria de nuestra existencia. Todo existe en su seno, nada puede concebirse fuera de ella. La Pachamama, la tierra, es la que nos permite la existencia” (DELGADO 2009: 9).

¹⁷ Pachamama é um termo advindo do quéchua que significa “Mãe Terra” (Pacha corresponde a terra ou mundo; e mama, a mãe) (LEAL no prelo: 5).

sem nome, família, sem lugar, ou seja, seres humanos que foram apagados, borrados do mapa da humanidade.

O *homo sacer* é o sujeito desprovido da condição humana; só pertencente à sociedade por meio de sua exclusão: “[...] essa absoluta indeterminação do lugar do *homo sacer*, ao mesmo tempo dentro e fora, aliás, dentro *porque* fora” (AGAMBEN 2004: 141). Assim, seu lugar é o entremeio, mesmo que, segundo AGAMBEN (2004), ele esteja dentro porque está fora. E a condição de *homo sacer* dos desterritorializados colombianos é, sem dúvida, resultado da violência política de um Estado corrupto e violento, já que não têm direito tal qual os outros, os não *homo sacer*. Logo, ser *homo sacer* é não ter o direito a ter direitos. É ser e vivenciar um paradoxo: ser pertencente por meio de sua exclusão.

Acerca danegação de direitos, temos como exemplo as manobras governamentais de favorecimento de um determinado grupo de grande poder aquisitivo pela negação dos direitos de outros: grandes latifundiários, por exemplo, que, amparados pelo Estado, conseguem burlar leis e se apossar de reservas de afrocolombianos, indígenas etc..

Houve sobreposição de títulos mineiros em áreas de parques nacionais e páramos, jogos especulativos, expedição de títulos sem controle e alguns de maneira suspeita, violação de direitos das comunidades mineiras indígenas e afrodescendentes e acumulação de títulos, declarou o ex-ministro do governo Santos¹⁸ (PISMEL e CHAGAS s/d: 35, grifo meu).

Portanto, de acordo com PISMEL e CHAGAS (s/d), os direitos desses povos estão sendo tirados justamente por quem deveria assegurá-los, ou seja, o Estado. “Estar protegido da violência do Estado-Nação é estar exposto à violência exercida pelo Estado-Nação; assim, depender do Estado-Nação para a proteção contra a violência significa precisamente trocar uma violência potencial por outra” (BUTLER 2016: 47).

Assim, o próprio Estado promulga leis que garantem o acesso (posse), mas, ao mesmo tempo, gera mecanismos para que essas mesmas leis sejam burladas de acordo com interesses privados como, por exemplo, títulos para as grandes mineradoras. Segundo informações do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

¹⁸ Foi presidente da Colômbia de 2010 a 2018. É membro do Partido Social de Unidade Nacional.

(PNUD), o principal motivo da desterritorialização foram ameaças indiretas sofridas, em 41% dos casos.

Como um grupo de camponeses pode se posicionar contra esse tipo de transgressão de direitos, sendo que a mão que dá é a mesma que tira? Parece complexo, porém é de fácil entendimento. Vejamos: as mineradoras ganham títulos de terras, terras essas que já têm “donos”. Assim, elas irão cobrar do Estado (que lhes outorgou títulos de posse) e este desalojará famílias que vivem nessas localidades para cumprimento da lei. Tira-se de uns (povos tradicionais) para dar aos outros (empresários e multinacionais). Robin Wood às avessas. Isso é o que Judith Butler (2016) chama de trocar uma violência potencial por outra. E reitera: “a vida exige apoio e condições possibilitadoras para poder ser uma vida vivível” (2016: 40). O que restou de condições facilitadoras para se ter uma vida vivível para esses sujeitos? Se não há condições, não há vida em potencial, ou seja, é a precarização absoluta da vida.

Em se tratando de mãos que dão e que tiram e condições facilitadoras para a vida, em 2002, com a eleição de Álvaro Uribe para a presidência da Colômbia, houve grande ofensiva por parte do Estado contra a desmobilização da AUC¹⁹ (Autodefesas Unidas da Colômbia). Segundo RESTREPO apud COLORADO “desde 2010 o conflito armado está contido em zonas marginais e de fronteira e seu impacto direto está concentrado na população mais pobre e esquecida do país” (2015: 15). A partir de 1985, na Colômbia, registrou-se quase 7 milhões de vítimas do conflito armado. Número de sujeitos para os quais o Estado precisa promover políticas de reparação.

Em junho de 2011, a promessa se materializou na Lei 1448, conhecida como Lei de Vítimas e Restituição de Terras. Segundo a *Human Rights Watch (HRW)*, a lei foi criada para **começar a restituir terras despejadas e abandonadas por camponeses vítimas de violência**. [...] Porém, o informe “O risco de voltar para casa”, da HRW, constatou que, até junho de 2013, a Unidade de Restituição, encarregada de implementar a Lei de Vítimas, **conseguiu que fossem proferidas sentenças de restituição para apenas 1% das mais de 43 mil solicitações recebidas**. Até julho, **somente uma família havia voltado a viver em sua terra como resultado do programa** (PISMEL e CHAGAS s/d: 44, grifo meu).

¹⁹ Unificação do para militarismo e a federação nacional, que criaram as Autodefesas. Segundo PISMEL e CHAGAS (s/d: 83), “as AUC se definiram como um movimento político militar de caráter anti-subversivo em exercício do direito à legítima defesa”.

4 Corpus literário

As crônicas que aqui serão analisadas (“Ángela” e “Osiris”) são de autoria de Alfredo Molano, sociólogo, escritor e jornalista. Molano já foi professor de várias universidades e jornalista de revistas e jornais como *El Espectador*, *Eco*, *Cromos*, *Alternativa*, *Semana* e *Economía Colombiana*. Seus estudos estão relacionados ao conflito armado que devasta a Colômbia por cinco décadas. Produziu obras como: *Materiales para una historia de la educación en Colombia* (1979), *Amnistía y violencia* (1980), *Los años del tropel* (1985), *Relatos de mulas, traquetos y embarques* (1997), *Los bombardeos de El pato* (1980), *Dos viajes por la Orinoquía colombiana* (1988), *Desterrados* (2005), entre outros.²⁰

Desterrados: crónicas del desarraigo (2005) é resultado dos relatos, obtidos pelo autor, de várias vítimas do conflito armado na Colômbia. Segundo MOLANO (2001), o motivo pelo qual ele escreveu o livro foi o de que percebera que apenas escrever colunas em jornais, estudar o conflito armado e trabalhar em um escritório não resolveria nada. Então “entendi que o caminho para compreender não era estudar a gente, mas sim escutá-la”²¹ (MOLANO 2001: 14, tradução minha). Tal ato, segundo o autor, ajudaria de alguma forma os sujeitos envolvidos no conflito armado.

A obra inicia-se com a crônica “*Desde el exilio*”, por meio da qual o autor revela os motivos que o levaram a escrever o livro *Desterrados: crónicas del desarraigo*. Segundo MOLANO (2001), as crônicas são resultados da escuta de várias histórias de camponeses que de forma direta ou indireta estavam envolvidos no conflito armado. “Na Colômbia quase todo camponês pode dizer que seu pai, ou tio, ou seu avô foi assassinado pela força pública, por paramilitares ou por guerrilhas”²² (MOLANO 2001: 13, tradução minha).

A produção desta obra foi feita em Barcelona, depois que o autor se viu obrigado a exilar-se em razão das ameaças constantes à sua vida e a de sua família: “as ameaças de morte escritas por paramilitares, ameaças que não foram as únicas e mais perigosas”

²⁰ Disponível em: BANCO DE LA REPÚBLICA ACTIVIDAD CULTURAL. http://enciclopedia.banrepcultural.org/index.php?title=Alfredo_Molano. (16/06/2016).

²¹ “Entendí que el camino para comprender no era estudiar a la gente, sino escucharla” (MOLANO 2001: 14).

²² “En Colombia casi todo campesino puede decir que su padre, o su tío, o su abuelo fue asesinado por la fuerza pública, por los paramilitares o por las guerrillas” (MOLANO 2001: 13).

²³ (MOLANO 2001: 13, tradução minha). Essas ameaças se deviam, em grande medida, às suas publicações relacionadas ao conflito armado colombiano, em grande parte no jornal *El Espectador*: “a verdade é que eu expunha publicamente o que havia visto e sabido em zonas de colonização onde se cultivava a coca e a papoula”²⁴ (MOLANO 2001: 17, tradução minha).

“Osiris” narra a história de uma mulher que é obrigada a fugir do seu povoado em consequência do conflito armado. Perdera um marido e dois filhos. De um ela chegou a ver o corpo, mas o de sua filha ficou desaparecido. Osiris foi marginalizada e acabou sendo perseguida porque sabia quem havia matado seu filho. Ao reclamá-lo “se desprotegeu”, pois na região em que morava quem sabia muito não vivia muito. Os resultados do conflito armado em sua vida foram desastrosos a ponto de a personagem ter de ir embora para a cidade e deixar tudo o que tinha construído com esforço e suor para não sofrer o mesmo destino que seus entes familiares. Em “Ángela” temos como protagonista uma menina de nove anos que vivia em um povoado colombiano chamado *Pueblo Nuevo (Nechi)*. Lá, ela vivia com sua família até começarem os tormentos do conflito. No povoado, viviam em uma casa simples e produziam seu sustento – características comuns dos moradores das regiões rurais.

De acordo com Said, o exílio nos faz pensar sobre ele, mas vivê-lo é uma experiência dolorosa “uma fratura incurável” (2003: 46). O exílio no caso da personagem é interno, pois as pessoas saem de suas casas, mas ficam dentro do seu próprio país, como é o caso dos colombianos, que são forçadamente desterritorializados.

Ao afirmar que “ou você nasce no exílio ou ele te acontece” (2003: 46), SAID desconstrói a ideia de que exílio é uma questão de escolha, pois imposição e acontecimento não são questões de escolhas, são situações impostas, tal e como acontece com os desterritorializados colombianos. Como exemplo disso, há Osiris, que era casada e tinha muitos filhos. Perdeu seu primeiro marido “no total foram 13 anos juntos. Até que o mataram [...] Eládio veio rápido para tirar a menina; os matadores

²³ “*las amenazas de muerte firmadas por los paramilitares, amenazas que no fueron las únicas ni las más peligrosas*” (MOLANO 2001: 13).

²⁴ “*La verdad es que yo exponía públicamente lo que había visto y sabido en las zonas de colonización donde se cultivaba la coca y la amapola*” (MOLANO 2001: 13).

acreditaram que iria atacá-los e um deles pôs a arma na frente e disparou-lhe na cabeça”

²⁵ (MOLANO 2001: 126-129, tradução minha), depois lhe foi tirado um filho.

Milciades chorou comigo por Jaime, o maior dos meninos que foi do meu primeiro marido. Ele o viu crescer e o levou para enterrar quando o mataram por maldade de uns homens. Sem nunca se saber o porquê, chegou o exército, os tiraram do bar, os vendaram com suas próprias camisas e os levaram ao parque Infantil, houve quem viu tudo, mas nesse tempo já não podiam dizer nada. Os maiores queimaram primeiro. O meu menino, como era zelador e tinha sua arma, tentou pegá-la, porque um dos tiros que deram atravessou a mão e entrou pela cintura; outro acertou o estômago e o último foi no rosto ²⁶ (MOLANO 2001: 136-137, tradução minha)

Podemos perceber na crônica a existência de uma “imposição” do exílio, mascarado na necessidade de sair para sobreviver. Como olhar para esses dois casos e dizer que eles “escolheram” sair? Não escolheram, foram forçados a largar suas vidas. Talvez a pior parte disso tudo seja ter que exilar-se dentro do próprio país; a sensação de estar perto, mas, ao mesmo tempo, tão longe. É como se seus pés pudessem caminhar, mas, por algum motivo, há algo que não os deixa sair do lugar. A saber, a Colômbia

É o país andino entre os que possuem o maior número de *desplazados* internos em todo o mundo: quase 4 milhões, até maio de 2011, o correspondente a 8% do total da população colombiana, entre os quais cerca de 70% possui vínculos com a terra, segundo dados da ACNUR e mais de 5,5 milhões segundo a CODHES (*Consultoría para los Derechos Humanos y el Desplazamiento*) (apud LEAL no prelo: 69).

A situação de desterritorialização forçada acontece tão rápido que não dá tempo de a vítima se programar, saber para onde vai. Ou vai ou morre: essa é a máxima. Por isso o desterritorializado, como o exilado, sempre será o deslocado. Perde suas raízes

²⁵ “en total fueron trece años juntos. Hasta que lo mataron. [...] Eladio binó rápido para sacar a la niña; los matones creyeron que iba a atacarlos y uno de ellos le puso el arma de frente y le disparó en la cabeza” (MOLANO 2001: 126-129).

²⁶ “Milciades lloró conmigo a Jaime, el mayor de los varones que me quedaron del primer marido. Él lo miró crecer y lo llevó a enterrar cuando me mataron por la maldad de unos hombres. Sin saberse nunca por qué, llegó el ejército, los sacó del bar, los vendó con sus propias camisas y se lo llevó al Parque Infantil; hubo quien vio todo, pero en ese tiempo ya no se podía decir nada. A los mayores los quemaron primero. El muchacho mío, como era celador y tenía su arma, intentó sacarla, porque uno de los tiros que me le dieron le atravesó la mano y le entró por la cintura; otro se lo pusieron en el estómago y el último en la cara” (MOLANO 2001: 136-137).

quando sai do lugar de onde veio. É como se um vão tomasse conta da vida e nada pode suprimi-lo. Fixar-se em outro lugar, nessas condições, não quer dizer criar raiz.

Considerando a lentidão no processo de restituição de terras desses sujeitos pelo Estado colombiano, a invasão das terras cresce em ritmo contrário. Territórios continuam a ser invadidos e suas populações empurradas para os grandes centros urbanos, invisibilizadas em trabalhos informais. Essas situações podem ser identificadas em ambas as crônicas quando, no primeiro texto, o pai de Ángela é perseguido até o momento em que decide sair de sua comunidade para ir trabalhar na cidade e, no segundo, quando Osiris se vê perseguida por saber quem foram os assassinos de seu filho e, para não morrer, deixa tudo para trás e vai viver num centro urbano.

Além da desterritorialização, há também o exílio cultural (o não reconhecimento do lugar e de seus integrantes como pertencentes à cultura estabelecida em suas comunidades de origem). Em alguns momentos das duas crônicas, as personagens sempre fazem comparações entre seus locais de origem e o centro urbano para o qual foram empurradas. Ángela diz:

Lá no lote da casa se plantava de tudo: pimenta, tomate, limão, mamão, mandioca. Todos nós comíamos e às vezes havia até para os vizinhos. Quando chegava a colheita, minha casa se transformava em uma venda e todos iam comprar uma coisa ou outra. Em Nechí era só esticar a mão e pegar. [...] aqui em Bogotá, no café da manhã, minha mãe nos dá água de rapadura com arepa,²⁷ no almoço é arroz e batata. Quase nem sequer conseguimos banana (MOLANO 2001: 43, tradução minha).

Esse trecho não é exemplo apenas de fartura, mas também de questões de relações sociais e comunitárias entre os pares, que vão desde o compartilhamento do que se produz até o trabalhar a terra, o que se planta, colhe e divide com os demais. São essas relações estabelecidas com e na terra que criam os laços e a torna verdadeiramente um território. No território, as coisas advindas dele são mediadas por pessoas (o trabalhar a terra, por exemplo) e, assim, a simbiose (considerando a terra como um ser vivo) se faz necessária e satisfatória para ambos. A terra produz os frutos, que são

²⁷ “*Allá en el solar de la casa pegaba todo: ají, tomate, limón, papaya, yuca. Todo nos lo comíamos nosotros y a veces había hasta para los vecinos. Cuando la cosecha llegaba, mi casa se volvía como una tienda y todos iban a comprar una cosa u otra. En el Nechí era sola estriar la mano y coger. [...] aquí en Bogotá, al desayuno, mi mamá nos da agua de panela con arepa, el almuerzo es arroz y papa, y la comida arroz. Casi ni si quiera consigue el plátano*” (MOLANO 2001: 43).

plantados pelas pessoas, que se alimentam deles. É o ciclo simbiótico gerador e mantenedor da vida.

Diz Osiris: “vivíamos abastecidos de tudo e sentíamos bem as coisas da família. [...] Comigo aqui em Bogotá não falavam. Para alguém acostumado com o campo e as galinhas, era muito difícil acostumar-se a viver amontoados em um quarto com outros”,²⁸ (MOLANO 2001: 125-152). No trecho “Comigo aqui em Bogotá não falavam” (MOLANO 2001: 152), podemos perceber o exílio cultural e o olhar para ela como sendo o “outro”, e não integrante de um coletivo de moradores.

Como é perceptível, as personagens fazem comparações entre seus lugares de origem e os lugares para onde foram. Práticas análogas à escravidão podem ser percebidas, como, por exemplo, a situação trabalhista do pai da personagem Ángela, que sai de casa às 4 da manhã e retorna às 21h da noite e ainda recebe pouco pelo seu trabalho: “[...] Não nos faltou nada porque meu pai trabalha carregando tijolo em uma obra. Vai às quatro da manhã e volta às nove da noite”²⁹ (MOLANO 2001: 59).

As práticas culturais realizadas em suas comunidades são diferentes das desenvolvidas nos centros urbanos, ou seja, perde-se um “hábito cultural” já estabelecido para adaptação de outros fazeres que, em muitos casos, não estão de acordo com as práticas de suas comunidades. “O campesinato se tornou mão-de-obra barata nas cidades” (PISMEL e CHAGAS s/d: 43). Porém, é importante lembrar que se trata de um campesinato que só é usado como mão-de-obra barata porque foi obrigado a sair do seu lugar de origem.

Para que pelo menos em partes o direito ao território (lugar) e locais onde esses sujeitos podem exercer suas práticas de cultivo, entre outras relacionadas com o trabalhar a terra fosse garantido, criaram-se as Zonas de Reservas Camponesas (ZRC). De acordo com PISMEL e CHAGAS,

[...] para que as reservas sejam consolidadas os camponeses reclamam por 10 milhões de hectares. Essas reservas não são uma reforma agrária, mas apenas uma forma de garantir que os camponeses não sejam escorraçados de suas terras

²⁸ “Vivíamos abastecidos de todo y se sentían bien las cosas de familia. [...] Yo aquí en Bogotá no me hablaban. A uno, acostumbrado al campo y a las gallinas, le quedaba muy verraco acostumbrarse a vivir arrejuntado en una pieza con otros” (MOLANO 2001: 125-152).

²⁹ “No nos falta nada porque mi papá trabaja arrimando ladrillo en una obra. Se va a las cuatro de la mañana y vuelve a las nueve de la noche” (MOLANO 2001: 49).

pela pressão dos grandes latifúndios, multinacionais e do setor de mineração (s/d: 27).

A proposta de implementação foi feita pelas FARC, em um fórum de diálogo que aconteceu em Havana. Abordou-se ali a questão agrária, que mediará o processo de paz na Colômbia. Existem por volta de 50 zonas de reservas que totalizam uma área de 10 milhões de hectares, porém, atualmente, há apenas 6 constituídas e reconhecidas pelo Estado colombiano. São aproximadamente 893 mil hectares, número bem inferior ao exigido pelos movimentos de camponeses (PISMEL e CHAGAS s/d: 27).

Como consequência desse processo de desterritorialização e não garantia de direitos (como a reclamação que faz as ZRC), de acordo com o Boletim Medecins Sans Frontieres “*Vivir con miedo*”³⁰ – que, por meio de relatos e observações obtidas pelas consultas médicas, abordou a atual situação dos desterritorializados da Colômbia, mostrando os protagonistas do conflito e os principais problemas enfrentados pelos médicos que atendem as vítimas –,

O exílio interno alcançou níveis sem precedentes, com mais de três milhões de exilados desde o ano de 1995. Massacres, execuções, intimidação e o conseqüente medo coletivo são uma parte indissociável da vida cotidiana para quem vive em áreas afetadas pelo conflito. A taxa de homicídios entre homens de 15 e 55 anos alcança a alarmante cifra de 22,1%. A violência se converteu na principal causa da morte de mulheres entre 15 e 39 anos (17%), superando a taxa de mortalidade relacionada com a gravidez e o parto³¹ (2006: 5, tradução minha).

Segundo o Boletim, há registros de doenças psicológicas desenvolvidas em adultos e crianças, cuja causa é a situação de constante medo das milícias e forças armadas governamentais, que entram em choque, forçando a saída da população dos lugares de atritos. Sensação de perseguição, medo constante, falta de um lugar seguro, entre outros, são fatores que causam doenças psicológicas, desenvolvidas pelas várias mudanças e incertezas pelas quais passam esses sujeitos. Sobre essa questão BUTLER

³⁰ “*Viver com medo*”. (tradução minha).

³¹ “*El desplazamiento interno ha alcanzado niveles sin precedentes, con más de tres millones de desplazados desde el año 1995. Masacres, ejecuciones, intimidación y el consiguiente miedo colectivo son una parte ineludible de la vida cotidiana para quienes viven en áreas afectadas por el conflicto. La tasa de homicidios en hombres entre 15 y 55 años alcanza la alarmante cifra de 221 por 100,000. La violencia se ha convertido en la principal causa de muerte en mujeres entre 15 y 39 años (17 por 100,000), superando a la tasa de mortalidad relacionada con el embarazo y el parto*” (2006: 5).

nos diz que “o corpo é um fenômeno social: ele está exposto aos outros, é vulnerável por definição, sua mera sobrevivência depende de condições e instituições sociais, o que significa que para ‘ser’ no sentido de ‘sobreviver’, o corpo tem que contar com o que está fora dele” (2016: 57-58). Como vemos nos relatos do Boletim, não é possível identificar condições sociais que possam auxiliar esse corpo deslocado, ou seja, não há condições favoráveis para que a vida possa ser vivível. Isso se constata quando, ao serem expulsos de suas casas, os desterritorializados não se registram em nenhum tipo de programa assistencial de saúde, por medo de serem perseguidos e/ou reconhecidos por algum grupo que esteja envolvido no conflito.

Isso está se tornando um bairro de exilados. Quando as escutei **me deu vontade de dizer como era minha terra e contar as razões de nosso desterro, os crimes que cometeram contra nós**. Mas fiquei calada, enquanto engolia meu orgulho inteiro. Essa é a humilhação do silêncio³² (MOLANO 2001: 152, grifo meu, tradução minha).

E essa cifra de *homo sacer* só aumenta. Segundo o Boletim *Basta Ya*³³,

[...] o conflito armado na Colômbia é um dos mais sangrentos da história, ou seja, nenhum outro conflito matou/mata tanto quanto o colombiano. Dados divulgados pelo Boletim mostram que, entre janeiro de 1958 a dezembro de 2012, 222.000 mil pessoas foram mortas.

E os números não param de subir. De acordo com dados do Registro Único de Vítimas (RUV), em 31 de março de 2013, o número de mortos foi de 166.069 civis, vítimas fatais desde o ano de 1985. Esses números são apenas relativos à população civil, sem mencionar os combatentes. A proporção entre mortos em combate (combatentes) e não combatentes é: a cada um combatente morto, quatro civis também são assassinados.

³² “*Esto está volviendo en un barrio de desplazados. Cuando las escuché me dieron ganas de decirles cómo era mi tierra y contarles las razones de nuestro destierro, los crímenes que se han cometido contra nosotros. Pero me tocó quedarme callada, mientras me tragaba entero el orgullo. Esa es la humillación del silencio*” (MOLANO 2001: 152).

³³ Boletim informativo que relata a real situação do conflito armado na Colômbia. <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/micrositios/informeGeneral/>. (20/07/2017).

Na crônica “Osíris”, podemos perceber esse rastro de mortes. Primeiro tiraram seu marido: “Eladio saltou rapidamente para salvar a garota: os bandidos acreditaram que ele iria atacá-los e um deles colocou a arma em frente e atirou em sua cabeça. Ele se virou para me ver e disse: - Preta, olhe-me, me mataram!”³⁴ (MOLANO 2001: 128, tradução minha). Na sequência, dois dias antes de seu filho ser morto, sua filha “desapareceu” sem deixar rastros: “Dessa morte não sei nada: nunca pude saber nem averiguar como foi. Ela levou segredo, deixando-o para quem a matou”³⁵ (MOLANO 2001: 140, tradução minha). E, finalmente, o filho: “mataram-no por maldade de uns homens” (MOLANO 2001: 137, tradução minha).

Sem nunca saber por que, o exército chegou, tirou-os do bar, os vendou com suas próprias camisas e os levaram para o Parque Infantil; houve quem viu tudo, mas naquele momento não podia dizer nada. [...] meu filho como era um zelador tinha sua arma, tentou sacá-la, porque um dos tiros que lhe deram atravessou a mão e entrou na cintura; outro acertou no estômago e o último na cara³⁶ (MOLANO 2001: 137).

Consoante com o Boletim Médicos *Sin Fronteras*, geralmente, como já mencionado neste trabalho, as pessoas que se desterritorializam são camponeses e habitantes de comunidades rurais e/ou pertencentes a algum grupo de descendência étnica e que têm grande ligação com a terra e a natureza. ORTIZ e KAMINKER dividem esse movimento de desterritorialização forçada pelo qual a Colômbia passa em três fases:

Num primeiro momento, 1984-1995, a repressão teria como objetivo o **aniquilamento das organizações políticas alternativas** surgidas no marco dos diálogos de paz de meados dos anos oitenta. Neste período a luta contra-insurgente englobaria o acionar das forças armadas. O segundo

³⁴ “Eladio brincó rápido para salvar a la niña: los matones creyeron que iba a atacarlos y uno de ellos le puso el arma de frente y le disparó en la cabeza. Volteó a verme y me dijo: - ¡Negra, mírame, me mataron!” (MOLANO 2001: 128).

³⁵ “De esa muerte sí no sé nada; nunca pude saber ni averiguar cómo fue. Ella se llevó el secreto, dejándoselo a quienes la mataron” (MOLANO 2001: 140).

³⁶ “Sin saberse nunca por qué, llegó el ejército, los sacó del bar, vendó con sus propias camisas y se los llevó al Parque Infantil; hubo quien vio todo, pero en ese tiempo ya no se podía decir nada. [...] el muchacho mío, como era celador y tenía su arma, intentó sacarla, porque uno de los tiros que me le dieron le atravesó la mano y le entró por la cintura; otro se lo pusieron en el estómago y el último en la cara” (MOLANO 2001: 137).

momento, 1996-2005, se caracterizaria pelo despovoamento e repovoamento das regiões consideradas de influência guerrilheira, ao qual se somaria dois fatores que complexificam o conflito interno: **a expansão do paramilitarismo e o fenômeno do narcotráfico**. Durante os anos noventa, a luta contra-insurgente ficará velada pela “guerra contra o narcotráfico”. O terceiro momento, **desde 2006 até a atualidade, se evidencia a consolidação do paramilitarismo como força política e a perseguição sistemática aos defensores de direitos humanos e aos críticos da política de guerra total**. Neste período se falará de “guerra contra o terrorismo” (2014: 38, grifo meu).

O processo de paz pelo qual a Colômbia anseia, portanto, não está ligado somente à devolução de terras e à reforma agrária, tem a ver com os direitos dos povos em ocupar plenamente o que é seu por direito, por ancestralidade. Querem respeito com suas memórias e não a perseguição. A briga que atravessa os anos ainda parece não ter previsão para terminar. Os números são uma prova do que já foi feito. Através deles também podemos imaginar o que virá, como se o feito já não bastasse. O sangue dos corpos cujas vidas foram tiradas pelo conflito armado inunda o solo colombiano, porém esse sangue não é visto, pois é tragado pelas máquinas de mineradoras estrangeiras e encoberto pelas manobras gananciosas em seu favorecimento, realizadas pelo Estado. Como vemos o Estado é um dos que mais corrobora para a precarização da vida das vítimas do conflito; segundo BUTLER (2016: 47), é um problema que enfrentamos atualmente: “nem todo mundo conta como sujeito”.

5 Considerações finais

A literatura sempre nos surpreende. Doce quando precisamos e amarga quando necessário, ela nos abre caminhos. É por meio dela que temos acesso às informações que muitas vezes são apagadas e invisibilizadas, como por exemplo o conflito armado na Colômbia, abordado neste trabalho. A temática foi “descoberta”, por assim dizer, por meio da leitura desprentensiosa, porém direcionada a dar visibilidade a essas questões, que como dito antes são por vezes escondidas.

Em um mundo de transgressões, onde os direitos são afanados, garantir que os sujeitos constituintes da sociedade tenham o acesso à literatura é crucial para construção identitária de si, pois assim se reconhecerão no mundo, interpretando-o com outros olhares, percebendo a unidade que somos. A saber, “a experiência da literatura

proporciona uma forma singular, diferenciada, de dar sentido ao mundo e a nós mesmos. É por isso que o contato com a literatura é tão fundamental para o desenvolvimento humano” (COSSON 2014: 70). É trilhar os caminhos viabilizados pela literatura. É ressignificar o mundo onde vivemos. Abrir nossos olhares para outros cantos. Por que não para América Latina e a crise social que nela ocorre há décadas? Enquanto voltarmos nossos olhares para lugares direcionados, seguindo a visão do colonizador que, de certa forma, ainda nos escraviza, dizendo o que faremos, para onde olharemos e com o que nos preocupamos, não veremos outros sujeitos que anseiam por serem vistos, não escutaremos suas vozes que ecoam pedidos de socorro.

O capitalismo causou em nós surdez e cegueira em um nível tão sério que a vida dos nossos semelhantes deixou de nos importar. Com isso, por quantas mais décadas de degradação humana sofrerão os colombianos? Como se não bastassem as quase sete já sofridas. É também pelo não acesso à literatura e à arte que estamos deixando de ser humanos, humanos no sentido de nos compadecermos com o outro e seus problemas. O instrumento humanizador, como a literatura é qualificada por CANDIDO (1988) e TODOROV (1939), falta-nos, mas falta-nos em larga escala.

Que este trabalho sirva, então, como uma lanterna que ilumine aos leitores brasileiros a produção artística colombiana contemporânea, a exemplo da de Molano, que tem se debruçado tão magistralmente sobre questões tão caras e urgentes à NOSSA AMÉRICA LATINA.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

Boletim Medecins Sans Frontieres *Vivir con miedo*.
http://www.msf.org/sites/msf.org/files/oldms/source/countries/americas/colombia/2006/report/Vivir_Con_Miedo.pdf. (06/05/2016).

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COLORADO, Jesús Abad. *Mirar de la vida profunda*. Bogotá: Editorial Planeta Colombiana, 2015.

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: GIP, 1988.
- COSSON, Rildo. A literatura em todo lugar. In: _____. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- DELGADO, Sergio Coronado. *Derecho a la tierra y al territorio*. Bogotá: Ediciones Ántropos, 2009.
- GAMBOA, Santiago. *La guerra y la paz*. Bogotá: Peguin Random House Grupo Editorial S.A, 2014.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LEAL, Juliana. *Humanização das vítimas do conflito armado colombiano em Colorado (fotografia), Molano (literatura) e Salcedo (performance)* (no prelo).
- MOLANO, Alfredo. *Desterrados: crônicas del desarraigo*. Bogotá: El Áncora Editores, 2001.
- ORTIZ, Diana; KAMINKER, Sergio. Suramérica y los refugiados colombianos. In: *Revista Interdisciplinar Mobil. Hum.*, 22 (43), 2014, 35-51.
<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v22n43/v22n43a03.pdf>. (04/07/2017)
- PISMEL, Matheus Lobo; CHAGAS, Rodrigo Simões. *Colômbia: movimentos pela paz*.
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/125574/COL%C3%94MBIA%20Movimentos%20pela%20paz%20-%20TCC%20Matheus%20e%20Rodrigo.pdf?sequence=1>. (05/07/2017)
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. *Literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1939.

Varia

A cultura espanhola sob a censura franquista³⁷

Michele Fonseca de Arruda³⁸

Resumo: A Guerra Civil, que assolou a Espanha entre os anos de 1936 e 1939, e a posterior implantação do regime totalitarista que dominou a nação por quase quatro décadas, figuram entre um dos eventos mais catastróficos no que tange ao impacto causado na história do país ibérico. Os anos da *Era Franco* foram tempos difíceis, marcados pela perseguição da liberdade civil e pela criação de um forte esquema repressivo de controle e direcionamento ideológico e cultural. Neste artigo, buscamos relatar como o aparato censório franquista tentou aniquilar toda produção literária espanhola e o legado artístico idealizado durante a II República. Contudo, uma gama de escritores que permaneceram ativos em um país silenciado pela ideologia que emanava do poder central, se viram compelidos a utilizar todos os recursos de que a arte dispunha para despistar os órgãos censores e fazer valer seus ideais.

Palavras-chave: Guerra Civil Espanhola; Franquismo; Censura; Cultura.

Resumen: La Guerra Civil, que asoló España entre los años 1936 y 1939, y la subsiguiente implantación del régimen totalitarista que dominó la nación por casi cuatro décadas, figuran como uno de los hechos más catastróficos en lo que se refiere al impacto suscitado en la historia del país ibérico. Los años de la *Era Franco* fueron tiempos difíciles, señalados por la persecución de la libertad civil y por la creación de un fuerte mecanismo represivo de control y dirección ideológica y cultural. En este artículo, buscamos relatar cómo el aparato censorio franquista intentó aniquilar toda producción literaria española y el legado artístico idealizado durante la II República. Sin embargo, una gama de escritores que permanecieron activos en un país silenciado por la ideología que irradiaba del poder central, se vieron obligados a utilizar todos los recursos que el arte disponía para despistar a los órganos censores y hacer valer sus ideales.

Palabras-clave: Guerra Civil Española; Franquismo; Censura; Cultura.

A Guerra Civil, que acometeu a Espanha entre os anos de 1936 e 1939, figura como um dos episódios mais violentos da história do país ibérico. Considerada como uma tentativa de solucionar, por meios bélicos, uma gama de querelas políticas e sociais que dividiram a nação por várias gerações, a contenda mergulhou a Espanha em uma luta fratricida e provocou traumáticas experiências que afetaram diretamente a vida de seu povo, como observa Juan Eslava Galán:

³⁷ Recebido em 19 de maio de 2018. Aceito em 20 de agosto de 2018.

³⁸ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC/Macaé). E-mail: profamichelearruda@gmail.com

Los que antes del 18 de julio eran simplemente adversarios políticos se convierten en enemigos de la noche a la mañana. Las actitudes irreconciliables de uno y otro bando se resuelven en una guerra civil. De un lado el odio destilado lentamente durante años en el corazón de los desposeídos; del otro, el odio de los soberbios, poco dispuestos a soportar la insolencia de los humildes. (ESLAVA GALÁN 2006: 67).

No “campo de batalha”, a Frente Nacionalista, aliada às classes e instituições tradicionais da Espanha, como o Exército, o alto clero e as oligarquias agrárias, se contrapôs à Frente Popular, formada pelo Governo Republicano que representava os sindicatos, os empresários liberais, os partidos de esquerda e todos os setores favoráveis à democracia. Para os Nacionalistas, a guerra simbolizava uma verdadeira “Cruzada”, movida pelos ideais da fé cristã e da unidade da pátria, que pretendia livrar o país da influência comunista, do judaísmo e da franco-maçonaria a fim de restabelecer os legítimos valores da Espanha tradicional, autoritária e católica. Em contrapartida, a Frente Popular visava defender as reformas sociais e políticas conquistadas pelo Governo da Segunda República, como a soberania popular, os direitos individuais, o laicismo e a autonomia dos municípios e regiões, além de conter o avanço dos regimes autoritários que assolavam de maneira vertiginosa o continente europeu.

É importante salientar que tanto os monarquistas e direitistas revoltosos quanto os republicanos governamentais contaram com o suporte internacional e a solidariedade política e material de suas respectivas correntes de adesão. As tropas nacionalistas conseguiram apoio dos nazistas alemães e dos fascistas italianos, enquanto Stalin enviou aparato bélico para o exército republicano. França e Inglaterra, que figuravam como representantes das democracias ocidentais, optaram pela política de “não intervenção” e impuseram um embargo ao comércio de armas aos lados combatentes. Contudo, não foi possível evitar o engajamento de milhares de voluntários esquerdistas e comunistas, oriundos das mais diversas partes do globo, que chegaram à Espanha para formar as Brigadas Internacionais. O número mais significativo foi de franceses, seguido por alemães, austríacos, italianos, norte americanos e britânicos (REDONDO 1984: 329) que se incorporaram às milícias populares para defender o país ibérico contra o fascismo que assolava o continente europeu.

Considerada como prelúdio da Segunda Guerra Mundial, a batalha espanhola acabou confrontando importantes potências beligerantes, além de servir de palco para testes armamentistas, como a investida aérea germânica, realizada em 26 de abril de 1937, contra a cidade de Guernica. Por horas, aviões da Legião Condor bombardearam o pequeno vilarejo localizado ao norte da Espanha, vitimando boa parte de seus habitantes. O horror causado pela destruição de Guernica foi eternizado pelas tintas do pintor Pablo Picasso que retratou, em um quadro homônimo, o caos do intenso bombardeio sofrido pela cidade basca.

Enquanto o General Francisco Franco conquistava consolidação política junto às forças rebeldes, o Governo Republicano padecia sérios conflitos internos que geravam uma situação adversa, configurada pela falta de unidade entre os díspares interesses dos grupos políticos envolvidos naquela coligação.

Desde os meses finais de 1936, a guerra entre Nacionalistas e Republicanos converteu-se em um longo conflito, com lentos avanços de ambas as tropas que vitimariam não só combatentes como também a população civil. Relevante frisar que a violência foi indiscriminadamente praticada por ambos os lados desde o início do confronto. Na *zona nacional*, perseguiram-se e assassinavam-se os esquerdistas; na *zona republicana*, os direitistas, em “una espiral incontenible de violencia, cada bando hace todo lo posible por exterminar al contrario” (ESLAVA GALÁN 2006: 69).

No final de 1937, as tropas republicanas dão início a uma ofensiva em Teruel, que é tomada em janeiro de 1938, tão somente para ser reconquistada pelo exército franquista alguns dias depois. A contra-ofensiva nacionalista toma Vinaroz em 15 de abril, alcançando o Mar Mediterrâneo, e a zona republicana é fragmentada em duas partes, isolando a Catalunha. Os republicanos contra-atacam no dia 24 de julho na Batalha do Ebro, mas retiram-se em meados de novembro após sangrentos ataques. Em 23 de setembro o governo republicano determina a evacuação imediata de todos os combatentes das Brigadas Internacionais da fronteira armada.

No dia 26 de janeiro de 1939 as tropas nacionalistas tomam Barcelona. Uma multidão de espanhóis busca exílio na França, entre eles o chefe de Governo, Juan Negrín, e o presidente da República, Manuel Azaña. Em 27 de fevereiro os governos da França e Inglaterra reconhecem o general Francisco Franco como novo líder da Espanha e no dia seguinte Manuel Azaña pede demissão de seu cargo.

Juan Negrín regressa da França e tenta reestruturar o exército. No âmbito do governo da Segunda República surgem graves divergências: Negrín e os grupos comunistas estavam dispostos a resistir enquanto os anarquistas e a ala moderada dos socialistas consideravam que a guerra já estava perdida e que a única saída era mediar um fim. No dia 4 de março de 1939, o coronel Segismundo Casado se subleva contra o governo da República. Durante vários dias as duas facções republicanas, *casadistas* e *negrinistas*, se enfrentam pela conquista de Madri, com a vitória dos primeiros. O recém elaborado Conselho Nacional de Defesa do coronel Casado tenta negociar a paz com os Nacionalistas contudo o General Franco rejeita qualquer acordo, impondo a rendição incondicional do exército republicano.

Em 28 de março, as tropas franquistas entram na capital espanhola e no 1º de abril de 1939, por meio do último comunicado de guerra, punha-se fim aos quase três anos de enfrentamentos entre *las dos Españas* que tiveram como desfecho a vitória das tropas nacionalistas e a ascensão do general Francisco Franco como líder absoluto do país.

A ascensão de Franco ao poder gerou um novo tipo de estratificação social que se desenvolveria, com maior ou menor veemência, ao longo dos trinta e seis anos de seu regime governamental, em um tipo de distinção articulada segundo a dicotomia vencedor/vencido. É interessante a reflexão que tece Rafael Torres a respeito desta oposição:

El 1º de abril de 1939, el día en que Franco rubricó el último parte de guerra de los sublevados contra el estado legítimo, no llegó la ansiada paz a España, sino la victoria, una suerte de guerra más atroz si cabe, pues una de las partes ya no peleaba y se hallaba deshecha y cautiva a merced de los vencedores. (TORRES 2006:12).

Além de estabelecer essa nova bipartição social, o fim da Guerra Civil deixou o país arruinado, com uma economia em estado alarmante. A estimativa de mortos em combate gira em torno de um milhão de pessoas. A essa cifra devemos adicionar as vítimas da repressão franquista depois de findado o confronto e as milhares de pessoas que deixaram o país temendo as retaliações das tropas vencedoras. As baixas no

contingente civil, a crise da ainda incipiente indústria, a miséria configurada pela fome, pela falta de moradia e pelas epidemias são mostras da dramática situação do país ibérico no imediato pós-guerra.

Nesse cenário de desesperança e privação, o obstinado discurso franquista predicava a reconstrução nacional através do restabelecimento dos antigos valores e condutas reputados pelo governo como exemplos da “autêntica nação espanhola”. Franco acreditava que chegara o momento de instaurar uma nova identidade da nação, alicerçada nos princípios tradicionais que caracterizavam seu povo como uma comunidade homogênea, representada pelo ideário de uma Espanha *Una, Grande y Libre*. Assim, emergiam exemplos dessa nação idealizada e perfeita, almejada pelo novo regime: a Espanha da época do imperialismo colonial que, durante os séculos XVI e XVII, foi considerado o período áureo, marcado pela unidade política, territorial e cultural, em que a identidade espanhola esteve inteiramente vinculada ao catolicismo.

Na esfera política, o país precisou habituar-se ao isolamento internacional, consumado no ano de 1946, após o fechamento da fronteira francesa e a retirada de embaixadores em Madri, determinada pela Organização das Nações Unidas. Nesse período, a economia espanhola consistia em um drama diário, caracterizado pela restrição elétrica e pelo racionamento dos escassos meios de subsistência. Somado a esse quadro, o período de intensa seca contribuiu para agravar ainda mais a situação agrícola do país. Como medida paliativa, o governo elaborou as *cartillas de racionamiento*, um tipo de talonário em que estavam indicadas a quantidade e o tipo de mercadoria que cada pessoa poderia retirar em um comércio preestabelecido.

No entanto, para os ex-combatentes e membros do partido franquista, as circunstâncias eram bem mais amenas, pois estes desfrutavam de certas regalias às quais a população estava alheia. Como era de se supor, a corrupção prontamente irrompeu e, com ela, o mercado negro de gêneros de primeira necessidade, como alimentos e medicamentos, bastante escassos e, por essa razão, racionados. Essa situação propiciou o comércio ilícito desses produtos a preços bem acima dos cobrados pelo mercado oficial, o que facilitou o enriquecimento de uma elite minoritária que se beneficiava com a decadente situação do país. Nesse mercado negro, conhecido como *estraperlo*, estavam envolvidos todos os estratos sociais, desde agricultores, que sonegavam grande parte de suas colheitas, às autoridades civis, passando por comerciantes, policiais e até

altos funcionários da administração, todos usufruindo dessa transação ilegal como principal ou, às vezes, única via de sustento de suas famílias, durante um período em que imperava a miséria no país.

A Igreja Católica, que desde o início da contenda havia apoiado o exército nacionalista, sustentava a ideia de que o General Francisco Franco combatia em nome de Deus e, a partir da ascensão do Caudilho, assumiu importante função na ordenação da moral e dos bons costumes dos cidadãos. Dessa forma, essa instituição empregou seu prestígio social em favor da ditadura, controlando o comportamento social e moldando a mentalidade de várias gerações de espanhóis. No âmbito educacional, os membros eclesiásticos sempre estiveram presentes, compondo grande parte do corpo docente nos mais diversos níveis de instrução.

Na esfera das relações familiares, a Igreja suprimiu o direito ao divórcio, tornou obrigatório o casamento religioso, estimulou a natalidade e empregou toda espécie de providências para assegurar a propagação dos dogmas católicos no seio familiar espanhol.

O plano artístico foi, dentre todos, um dos que mais sofreu com as irreparáveis perdas. O triênio bélico e o estabelecimento do regime de Francisco Franco significaram uma verdadeira cisão com os tempos de bonança cultural iniciados na década de vinte com a ascensão de talentos que despontaram na chamada *Edad de Plata* do país ibérico. Ainda no início do conflito, muitas atrocidades foram perpetradas contra a intelectualidade espanhola. Em agosto de 1936, somente um mês após a deflagração da Guerra Civil, oficiais do exército franquista prenderam o poeta e dramaturgo Federico García Lorca, que foi sumariamente executado e enterrado em uma vala comum. Seus restos mortais até hoje não foram encontrados.

É necessário ressaltar que a figura de Lorca não oferecia qualquer tipo de perigo ao contexto habitual de um confronto militar. A ameaça do poeta granadino não era, em hipótese alguma, bélica; García Lorca era mais temerário com uma pluma na mão do que muitos com um fuzil. Assassinar o poeta espanhol mais importante do século XX representou um ato hediondo, não apenas pela brutalidade contra um ser humano, mas também pela violenta supressão do direito de manifestação, tão bem representado pela arte de Federico García Lorca.

Em 12 de outubro de 1936, durante o ato de abertura do curso acadêmico, que coincidia com a celebração do *Día de la Raza*, realizada na tradicional Universidade de Salamanca, o general do exército nacionalista espanhol José Millán-Astray afrontou o reitor, poeta, ensaísta e filósofo Miguel de Unamuno, gritando *¡Abajo la inteligencia! ¡Viva la muerte!*, e recebeu a seguinte resposta:

Este es el templo de la inteligencia. Y yo soy su sumo sacerdote. Estáis profanando su sagrado recinto. Venceréis porque tenéis sobrada fuerza bruta. Pero no convenceréis. Para convencer hay que persuadir. Y para persuadir necesitaríais algo que os falta: razón y derecho en la lucha. Me parece inútil el pedir os que penséis en España. He dicho. (THOMAS 1964:294).

Nesse mesmo mês de outubro, Franco destituiu Unamuno do cargo de reitor vitalício da Universidade de Salamanca e decretou sua prisão domiciliar. No último dia daquele ano de 1936, o coração de Unamuno não resistiu e a guerra fez mais uma vítima.

Outro mártir da contenda foi Antonio Machado, um dos mais celebrados escritores da modernidade espanhola. Ao longo de sua vida, o poeta sevilhano pôde testemunhar muitos dos infortúnios da história de seu país, como o descenso brusco do Império Espanhol, a ditadura de Primo de Rivera e a Guerra Civil. Esses acontecimentos foram convertidos em motivação para que Machado sentisse a necessidade de participar, com seus escritos, dos acontecimentos políticos e sociais de sua época. Em seu compromisso ético com a República, Antonio Machado participou do embate por meio da expressão artística, através da escritura a serviço da narração dos fatos, do apoio aos ideais republicanos e da denúncia das atrocidades da guerra.

Quando as tropas nacionalistas chegaram a Madri, o poeta encontrava-se na capital espanhola e precisou partir para Valência e depois para Barcelona, mas o exército de Franco também alcançou essa cidade. Buscando preservar sua vida, o poeta resolveu procurar abrigo na França. Em janeiro de 1939, Antonio Machado conseguiu chegar ao país vizinho junto com sua mãe e seu irmão José. Com a saúde bastante debilitada, o poeta sevilhano faleceu em 22 de fevereiro na localidade francesa de *Collioure*. Contudo, antes de seu óbito, Machado deixou para a posteridade uma obra cujo título representa não apenas o motivo indireto de sua morte como também o tema

fundamental para a sua geração: *La guerra*, publicada em Madri, em 1937, pela editora Espasa-Calpe.

Miguel Hernández também figura como mais uma vítima da Guerra Civil na Espanha. Ainda muito jovem, o poeta valenciano começou a escrever versos e decidiu seguir para a capital do país. Em Madri foi surpreendido pelo confronto, se alistou no exército republicano e lutou em diversas frentes de batalha. Paralelamente, desenvolveu sua carreira nos principais eventos literários organizados pelo governo republicano ou em missões institucionais. Quando a contenda espanhola chegou ao fim, Miguel Hernández tentou fugir para Portugal, mas foi interceptado e entregue ao exército nacionalista. Foi condenado à morte pelos tribunais franquistas, porém, graças à intervenção de amigos, a pena foi comutada para trinta anos de prisão. No cárcere, Miguel Hernández contraiu bronquite e tifo, que evoluíram para uma tuberculose que ceifou sua vida em 1942.

Além das perdas irreparáveis, a repressão instaurada pelo novo Estado também lançou ao desterro boa parte da intelectualidade espanhola: professores, filósofos, escritores, cientistas, artistas e jornalistas que haviam defendido os ideais republicanos sentiram-se compelidos a deixar o país por receio das retaliações que poderiam sofrer por parte do lado vencedor. Somadas as adversas circunstâncias de morte ou exílio da intelectualidade espanhola, o isolamento político ao qual a Espanha foi submetida ocasionou também um infortúnio para a produção cultural do país. As novas orientações políticas e ideológicas da ditadura franquista, geradoras de rígidos códigos morais e religiosos, de forte controle e censura das atividades culturais e artísticas, proscreveram a circulação de textos literários estrangeiros, bem como as obras de autores espanhóis exilados ou qualquer outro tipo de publicação que divergisse dos preceitos estabelecidos pelo novo regime governamental. Toda a liberdade criadora foi cerceada pelos ardores da censura que detinha o poder para reprovar todo o conteúdo que não se adequasse aos parâmetros franquistas.

Em contrapartida, os serviços de imprensa e propaganda do regime totalitário de Francisco Franco eram utilizados para construir uma visão maniqueísta do passado, moldar comportamentos, inculcar valores e doutrinar a sociedade, impondo-lhe modos de expressão, gostos, valores e condutas sociais. Todos estavam submetidos às diretrizes da tradição imperialista, do totalitarismo fascista e da doutrina católica. O dogma de fé

do regime franquista era “Deus, pátria e família” e a principal missão do Estado e de seu Caudilho consistia em resguardar a inteireza dessa trindade na mente de seus súditos e defendê-la dos “perigosos” questionamentos da razão crítica. O Estado era o único órgão capaz de estabelecer o que convinha aos seus “protegidos”, já que assumia o papel de “patriarca” da nação.

A ideologia totalitária imposta por Francisco Franco experimentou seu auge particularmente durante sua primeira etapa, entre 1936 e 1951, e isso não ocorreu somente pela aplicabilidade universal dos princípios do regime, mas também pelo desalento generalizado da sociedade espanhola que padecia com a miséria e a desesperança do imediato pós-guerra.

A superação do isolamento internacional da Espanha foi viabilizada pela eclosão da Guerra Fria entre o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos da América, e o comunista, gerido pela União Soviética, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O caráter anticomunista do regime de Franco permitiu seu reconhecimento internacional por parte do bloco capitalista do mundo ocidental. Estados Unidos impulsionou a assinatura dos Pactos de Madri com Espanha, em 26 de setembro de 1953. A aliança entre o país ibérico e o norte americano significou a chegada de apoio militar e financeiro dos EUA, em troca da utilização conjunta de algumas bases militares em território espanhol.

A reconciliação da Espanha com as democracias ocidentais durante a Guerra Fria resultou determinante para seu ingresso na Organização das Nações Unidas (ONU) em 15 de dezembro de 1955. Ademais, a ditadura franquista renovou sua tradicional aliança com a Igreja Católica mediante a assinatura da Concordata com a Santa Sé em 27 de agosto de 1953, no Estado do Vaticano, legitimando novamente a instituição religiosa como uma das mantenedoras do governo de Franco.

Apesar de certo “abrandamento”, o sistema censório permaneceu vigente até o ano de 1978, quando o artigo 20 da nova constituição proibiu toda forma de repressão. De acordo com ABELLÁN (1980: 19), durante a vigência do regime de Franco existiu um simples esquema inquisitório que consistiu em uma gama de critérios que influenciaram na permissão ou na proibição da veiculação de produções intelectuais. Ainda segundo este teórico, havia normas atribuídas exclusivamente ao prestígio e à reputação de um autor ou editor, dependendo de seu posicionamento ideológico frente

aos princípios do *Movimiento*. Era de extrema importância detectar se determinada produção artística, em verdade, se tratava de um ataque ao dogma franquista porque não era permitido expressar qualquer tipo de crítica contra o sistema político. Conforme ABELLÁN (1980: 88), este seria um dos critérios fixos, pois se referia à inatingibilidade e respeito ao sistema institucional implantado pelo franquismo.

Por décadas, os meios de comunicação e as instituições acadêmicas foram controlados pela censura governamental respaldada, muitas vezes, pela censura eclesiástica. Desde os primeiros boletins da *Junta Nacional de Defensa*, decretava-se uma série de normas para impor os princípios da religião e da moral cristã e para exaltar o patriotismo. Para o êxito desse fim, decretaram-se sucessivas leis, como a proibição do uso de qualquer estação de rádio ou emissora de ondas curtas, a destruição de obras de índole socialista ou comunista encontradas em bibliotecas públicas ou escolares, a ilicitude do comércio e circulação de livros, periódicos, folhetos e todo tipo de impressos considerados pornográficos ou de literatura perversora.

A apropriação de todos os meios de comunicação e a depuração de todo o material oficialmente subversivo e perigoso para a população espanhola transformavam o Estado franquista em senhor absoluto de todo o aparato informativo. Segundo o artigo primeiro da *Ley de Prensa*, de 22 de março de 1938, delegava-se ao Estado a organização, a vigilância e o controle da Instituição Nacional de Prensa Periódica, o que caracterizava a censura como um mecanismo eficaz de controle e direcionamento ideológico e cultural. Uma das definições mais esclarecedoras sobre a censura no regime de Franco nos é proporcionada pelo dramaturgo Antonio Buero Vallejo, em entrevista ao jornalista Antonio Beneyto:

La censura es un arma del poder político que pretende manipular y restringir la información pública, así como ahorrar el derecho de expresión y las actividades culturales en los marcos ideológicos oficiales. Todo ello la define como un arma contra la libertad del hombre. Se justifica invocando el bien general y la necesidad de defender la ley, el orden y la moralidad pública o privada; pero defiende, de hecho, intereses o privilegios de las clases dominantes, y las estructuras sociales, políticas e ideológicas por ellos mantenidas. (BENEYTO 1976:21).

Outorgando razão a Buero Vallejo, é preciso asseverar que a censura controlava todo tipo de manifestação, por mais ínfima que esta pudesse parecer na vida social e

peçoal da nação espanhola. O partido único controlava um poderoso aparato de imprensa e propaganda, que se complementou com a criação da *Radio Nacional de España*, em 1937, e, mais tarde, da *Televisión Española*, em 1956. Para dar continuidade ao labor de propaganda, censura prévia e controle sobre as indústrias culturais e os meios de comunicação, foi criado, em 1951, o *Ministerio de Información y Turismo*, consagrado a exercer oficialmente a função de defesa do ideário do Estado.

Para José Luis ABELLÁN (1980. p. 9), “la situación cultural de España en el período inmediato a la Guerra Civil, y como consecuencia de la misma, fue la de un auténtico páramo intelectual”. A cultura oficial do franquismo reunia a exaltação nacionalista, o fervoroso catolicismo e a preferência por estilos artísticos tradicionais. Apelava-se para o passado através de um repertório épico-militar e histórico-imperial de glorificação do espírito e das virtudes militares da Espanha. A cultura de evasão, simbolizada pelo futebol, os temas taurinos, o casticismo madrilenho e o cinema religioso favoreciam, por meio do entretenimento, a integração social e a desmobilização política do país.

O Estado franquista também contou com um tipo de publicação que serviu como padronizador do comportamento feminino alvitado a partir dos valores difundidos tanto pela *Sección Femenina de Falange*, organização criada para estabelecer os parâmetros de comportamento da mulher espanhola, quanto pela Igreja Católica: a *novela rosa*. Este gênero narrativo traz à baila o modelo de mulher que o Estado viria a preconizar em enredos amorosos, ajustados ao sentimentalismo de personagens tipificados pelos ideais fascistas e pelos valores morais do cristianismo. Segundo Valéria de Marco:

A “novela rosa” aparece mencionada nas histórias literárias como romance sentimental, como literatura popular ou narrativa de evasão. Nota-se um consenso no fato de que é escrita para as mulheres. Para definir o gênero basta observar que se estrutura com o padrão do enredo romanesco. A ação é a luta do bem contra o mal; o herói sempre poderoso e compreensivo tem o perfil do protetor; a heroína pode ser uma jovem casta e ingênua ou uma mulher de misterioso passado, mas laboriosa e cheia de virtudes, e a história termina com o casamento, que quase sempre representa uma ascensão social para a mocinha, ou seja, um clássico final bem feliz. (DE MARCO 2000: 251)

A *novela rosa* inculcava a representação da mulher amoldada para servir a Deus, a Pátria e a família, ou seja, a mulher genuinamente espanhola deveria ser católica,

submissa ao pai ou ao marido e ao Estado, disposta a todo e qualquer tipo de sacrifício para o bem da fé cristã, da família ou da nação.

A imprensa, que chegou a ser definida como “o quarto poder”, pela capacidade de penetração de seus conteúdos junto à opinião pública, transformou-se em um aparelho a serviço dos interesses do Estado. A censura jornalística foi a atividade de maior envergadura e intensidade e tinha como propósito evitar que a população tivesse acesso às informações ou opiniões contrárias aos interesses do regime e de sua classe política. Foram criadas várias instâncias que se ocuparam do cumprimento dos critérios censórios, como a *Sección de Información y Censura e a Dirección General de Prensa*, que se dedicaram à transmissão das consignas de prensa, incluindo artigos anônimos assinados pelos mais representativos nomes da literatura ou política do regime (ABELLÁN 1980: 48). Esse rigoroso controle não se limitou ao âmbito da imprensa estatal, pois, embora as empresas privadas também pudessem editar jornais, seus fins sempre deveriam estar unidos aos do Estado.

No que tange à literatura, a eclosão da Guerra Civil provocou uma devastação de quase toda vida inteligente no território espanhol. Muitos escritores se exilaram e os que permaneceram em solo pátrio foram mantidos totalmente incomunicáveis não só com seus contemporâneos, mas também com seu próprio passado literário. O Governo proibiu a circulação de muitas obras de escritores do século XIX, da *Generación del 98* e dos anos anteriores à Guerra Civil e, em contrapartida, defendia um retorno à Espanha Imperial [...] que rompe o sentido da continuidade da história (SANZ VILLANUEVA 1980: 36). Assim, privado tanto de sua tradição literária como das tendências internacionais mais modernas dessa época, o escritor espanhol é um solitário, isolado dos grandes mestres, com escassas possibilidades de formação, que se move em um clima de mesquinhez (SANZ VILLANUEVA 1980: 27).

Como consequência da falta de acesso à literatura estrangeira moderna, muitos escritores espanhóis desse período produziram narrativas que não apresentavam qualquer tipo de inovação temática ou técnica. Estancados em um presente que só lhes permitia mirar em direção ao “passado glorioso da Espanha”, os escritores mais progressistas da época encontraram-se muito limitados para tentar plasmar, com bom estilo, temas concretos da realidade, ou refletir sobre o incerto futuro da nação. Dessa forma, a censura, a propagação da cultura oficial, a limitada formação literária dos

escritores espanhóis e sua incomunicabilidade com as correntes temáticas e técnicas do exterior foram os principais fatores que contribuíram para a atrofia da narrativa espanhola dos primeiros anos do pós-guerra.

Apesar desse panorama, alguns escritores tentaram buscar novas técnicas literárias que permitissem não só a publicação sem censura de suas narrativas sobre a realidade do momento, mas também o impulso à necessária renovação do gênero. Dentre alguns títulos, destacam-se *La familia de Pascual Duarte* (1942), de Camilo José Cela, *Nada* (1944), de Carmen Laforet, e *La sombra del ciprés es alargada* (1948), de Miguel Delibes.

Esses esforços tiveram seu desenlace na década de 1950, quando havia, segundo Sanz Villanueva, um “ressurgimento” da narrativa, devido, sobretudo, a duas causas: condicionamentos extraliterários político culturais e o surgimento de uma nova ascensão de escritores marcados pelo fato geracional de não ter participado de forma ativa na guerra.

Os fatores extraliterários eram fundamentalmente políticos, econômicos e sociais. Os primeiros anos da década de 1950 se caracterizam pela progressiva abertura política do governo de Franco, um processo que culminou, em 1955, com o ingresso da Espanha na Organização das Nações Unidas, mas que se pode dizer que teve seu momento decisivo em 1953. Em setembro desse ano, a Espanha firmou o *Pacto de Madrid* com os Estados Unidos, que consistia em um acordo defensivo, um tratado de ajuda econômica e um pacto mútuo de defesa. Paul PRESTON (1994: 774-775) assegura que o acordo favoreceu, acima de tudo, o governo norte-americano e que Franco teve que ceder a algumas das demandas americanas para poder conseguir a importante aliança política com os Estados Unidos. Contudo, ainda que a Espanha não tenha se beneficiado desse acordo tanto como esperava, sua assinatura marcou um momento crucial na política do pós-guerra do país.

As novas relações com nações democráticas trouxeram consigo o fim da autarquia político-econômica e, assim, nos anos 1950, a Espanha começou a evoluir em direção a uma economia e uma sociedade capitalista. Também em dezembro de 1953, o Vaticano firmou uma concordata com o governo espanhol que outorgou a Franco a Suprema Ordem de Cristo e reconheceu a Espanha como um estado nacional-católico (PRESTON 1994: 773). A declaração da Santa Sé contribuiu, dessa forma, para que o

regime franquista fosse reconhecido por outros países ocidentais. Assim, nos anos 1950, o General Franco começou a contar com o apoio, ainda que em muitos casos pouco entusiasta, da comunidade internacional.

Não obstante, enquanto o governo melhorava suas relações com o exterior, surgiam cada vez mais problemas no interior: desemprego, greves e a massiva emigração da população rural às cidades em busca de trabalho figuravam como alguns dos problemas internos da nação. Por outro lado, a maior comunicação com o exterior, os turistas estrangeiros que começavam a visitar a Espanha, o cinema e outros meios ofereceram aos espanhóis a oportunidade de ver como se vivia do outro lado dos Pireneus e, assim, os cidadãos perceberam o atraso em que se encontrava o país, o que fez com que seu descontentamento começasse a pesar sobre o regime de Franco.

Enquanto os mais velhos, com as lembranças ainda recentes dos sangrentos anos da Guerra Civil, não costumavam mostrar oposição às normas e práticas do governo, os jovens, livres desses pesadelos de seus pais, lutaram para conseguir mais liberdades e oportunidades. Assim, nessa época aumentou o número de intelectuais não comprometidos com a ideologia franquista que questionaram o estabelecido e se preocuparam com problemas reais que assolavam o país.

As revistas literárias e culturais da época ilustravam a cada vez mais aberta atitude do governo franquista para o exterior e o crescente interesse do público em conhecer outras culturas. Abundavam artigos sobre escritores, artistas e filósofos estrangeiros e reportagens sobre cidades e países distantes. Essas informações, todavia, eram controladas pelo regime e, ainda que nos anos 1950 os espanhóis tenham recebido mais notícias do exterior que no decênio anterior, essas eram selecionadas e julgadas previamente para que fosse determinada sua aceitabilidade. Além disso, a profusão de informação sobre outros países servia para distrair os cidadãos da realidade da Espanha; nos jornais quase não apareciam notícias sobre os problemas que atormentavam a sociedade espanhola. Contudo, apesar do rigor da censura, a literatura, o cinema, a filosofia, a arte, a ciência e outras disciplinas se beneficiaram da progressiva abertura do país e das melhores relações do governo espanhol com as nações estrangeiras.

No plano literário, surgiu um estilo de narrativa voltado para o realismo social que, como explicita Pedro CORREA (1985: 89), incute uma tomada de consciência com a realidade mais imediata, adquire frequentemente nuances de denúncia política contra o

regime governamental de Franco. O pessimismo existencialista, próprio da narrativa do período anterior, se transmutava na visão crítica da sociedade. Algumas obras representantes dessa etapa são *La colmena* (1951), de Camilo José Cela, *El camino* (1950), de Miguel Delibes, *Duelo en el Paraíso* (1955), de Juan Goytisolo, e *El Jarama* (1956), de Rafael Sánchez Ferlosio.

Os anos finais da década de 1950 configuraram-se pelo abandono do projeto governamental autárquico e o início de uma tímida abertura política e econômica. Em 1957 incorporaram-se a alguns ministérios uma equipe de gestores tecnocratas, muitos deles vinculados à instituição religiosa Opus Dei. Este grupo elabora o *Plan Nacional de Estabilización Económica* (1959) e os posteriores *Planes de Desarrollo* (1964-1967, 1968-1971 e 1972-1975), fundamentais para a política fazendária do regime franquista e que propiciaram o crescimento do patrimônio financeiro nacional, o *milagro económico español*.

A década de 1960 situa a nação ibérica no panorama da Europa industrial. Três fatores confluíram para este fenômeno: investimentos de capital estrangeiro no país, atraídos principalmente pelos baixos salários oferecidos aos trabalhadores locais e benefícios ofertados pelo regime franquista, importância crescente do turismo e repatriação de divisas procedentes dos emigrantes espanhóis que saíram para trabalhar em outros países europeus, sobretudo França e Alemanha. Também se produziu o transvase da população campesina em direção às cidades espanholas industrializadas. Estas abruptas mudanças trouxeram sequelas como a favelização e a marginalização urbana, mas também melhoraram as expectativas vitais e econômicas da população espanhola.

Em 1964, a campanha pelos *25 años de paz* quis dar uma imagem moderada ao franquismo. Manuel Fraga Iribarne, Ministro da Informação e Turismo, suprimiu, com a *Ley de Prensa* de 1966, a censura prévia. A partir daquele momento, as publicações podiam sair sem censura, contudo, eram sujeitas a sanções caso os censores percebessem alguma crítica ao regime. Essas tentativas de abertura do regime se chocaram com as exigências de liberdade e democracia da oposição clandestina que, nesses anos, experimentava um relevo geracional. Os antigos partidos republicanos mantinham somente a presença simbólica no exílio, enquanto no interior surgiam novos partidos e associações de estudantes e trabalhadores.

Com esse panorama de fundo, os escritores tratavam de dar sua visão a uma realidade complexa. Entrados os anos 1960, a narrativa realista começava a apresentar sintomas de esgotamento e se produzia um progressivo deslocamento em direção a novos modos expressivos que se concretizavam na renovação da estrutura, da forma, da linguagem e do estilo e, por essa razão, esse movimento recebeu a denominação de literatura experimental. Nesse momento, os autores espanhóis incorporaram a suas narrativas os aportes e as novidades técnicas dos grandes nomes da narrativa mundial do século XX, como Proust, James Joyce, Kafka e Faulkner.

É importante salientar que a consciência cívica e a crítica social permaneceram, mas com tons e formas renovados. As narrativas que coroaram essa época foram *Tiempo de silencio* (1962), de Luis Martín-Santos, *Señas de identidad* (1966), de Juan Goytoso, *Cinco horas con Mario* (1966), de Miguel Delibes, e *Últimas tardes con Teresa* (1966), de Juan Marsé.

A década de 1970 se iniciou, praticamente, com a grave crise do petróleo que afetou as economias ocidentais durante mais de uma década. Na Espanha, o principal acontecimento histórico que marcou esse período foi a morte de Francisco Franco em 1975.

Depois da morte do General Franco e com a chegada da democracia, surgiram escritores que reagiram contra a complexidade experimental, produzindo uma virada em direção à concepção realista da narrativa. A partir desse momento, o que interessava era contar uma história e sua trama, o argumento passou a ser o centro da narrativa. Uma obra fundamental dessa nova perspectiva foi *La verdad sobre el caso Savolta* (1975), de Eduardo Mendoza.

Após o período compreendido entre o início da Guerra Civil até o fim da ditadura franquista, a Espanha passou por uma fase de “amnésia coletiva”, configurada no silenciamento da população. Pode-se afirmar que, com o Pacto de Moncloa, tratado assinado em 1977 entre distintas forças políticas, econômicas e sociais para a reconstrução da democracia do país ibérico, firmou-se também um tácito acordo de silêncio sobre o passado.

A partir da década de 1990 é que os episódios “esquecidos” começaram a ser debatidos mais frequentemente na sociedade espanhola, fato constatado nas inúmeras publicações literárias que passaram a rememorar o período da guerra e do pós-guerra,

como, por exemplo, os romances *El lápiz del carpintero* (1998), escrito por Manuel Rivas, *Soldados de Salamina* (2001), de Javier Cercas, *La voz dormida* (2002), de Dulce Chacón, e *Los girasoles ciegos* (2004), de Alberto Méndez, obras que motivaram a retomada das memórias da contenda a partir do interesse dos descendentes em buscar sua identidade no passado recente.

A experiência de uma guerra fratricida constituiu um revulsivo de consciência no universo do fazer artístico que, ferido em sua sensibilidade, ao se encontrar entre os escombros da nação, percebeu seu ofício como uma nova vítima da guerra e que, ao debruçar-se sobre suas múltiplas formas de expressão, partiu do zero e iniciou uma nova era produtiva. Como reminiscência da guerra e não, como costuma acontecer no âmbito literário tradicional, por reação contra os postulados estéticos da geração anterior, a literatura tratou de romper com os modelos anteriores para expor um tempo de medo e agonia. Gonzalo Navajas fala de uma cultura condicionada pelas especificidades circunstanciais locais que conferiam destacada peculiaridade e diferença à produção literária, mas, ao mesmo tempo, desconectavam essa produção dos parâmetros culturais do mundo (NAVAJAS 2004: 13).

No entanto, as perdas humanas e materiais da cultura espanhola, findada a Guerra Civil e estabelecida uma ferrenha repressão social, propiciaram uma relação bastante particular com o fazer artístico, já que a censura inibe, mas também estimula a criatividade. Não queremos afirmar que a imaginação necessite de coibição, todavia, é inegável que a repressão provoque fantasias libertadoras, visto que nada é mais estimulante que transgredir limites estabelecidos. São frequentes as declarações de artistas no que tange aos recursos utilizados para burlar o controle regimental de Franco. Muitos dos talentos que permaneceram na Espanha vigiada utilizaram, contra a férrea censura estabelecida, a arma que melhor dominavam: a linguagem. A partir desse engenho, foram elaboradas obras pautadas em alusões, meias palavras e ambiguidades que propiciaram a criação de textos capazes de evadir a vigilância do autoritário regime político sem que suas críticas fossem notadas.

Em termos gerais, a produção cultural produzida no período de pós-guerra civil concretizou-se de forma dicotômica, fracionada em dois grupos bastante distintos. O primeiro grupo representava os artistas exilados que, indubitavelmente, gozaram de mais liberdade criativa e continuaram, através de suas múltiplas formas de

manifestação, defendendo, em terras europeias ou americanas, a causa da liberdade e da democracia, valores culturais e éticos que desembocariam no confronto fratricida de 1936. Contudo, esses artistas padeceram o isolamento e a nostalgia da pátria perdida, convertidos em força dinâmica que alimentou a preocupação com o não esquecimento, matéria-prima de grande parte das obras dos exilados. O outro grupo era configurado pelos intelectuais que permaneceram ativos em uma Espanha fraturada, silenciada pela censura e pela ideologia que emanava do poder central. Esses artistas, igualmente preocupados com a não alienação dos fatos pretéritos, como os companheiros do exílio, se viram compelidos a utilizar todos os recursos de que a arte dispunha para despistar os órgãos censores e fazer valer seus ideais.

Referências bibliográficas

ABELLÁN, Manuel Luis. *Censura y creación literaria en España (1939-1976)*. Barcelona: Península, 1980.

ARRUDA, Michele F. *Das trincheiras da Guerra Civil às interseções literárias – Leitura de Réquiem por un campesino español de Ramón J. Sender e de Cinco Horas con Mario, de Miguel Delibes*. 2016. 189 f. Tese (Doutorado em Literaturas Comparada), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2016.

BENEYTO, Antonio. *Censura y política en los escritores españoles*. Barcelona: Plaza y Janés Editores, 1976.

CORREA, Pedro. *Historia de la literatura española*. Madrid: EDI-6, S. A, 1985. (Colección Temas de Cultura Española).

DE MARCO, Valeria. Romance, mulher e política na Espanha de pós-guerra. *In Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*. Brasília: Thesaurus, N. 10, p. 249–256, 2000.

ESLAVA GALÁN, Juan. *Una historia de la guerra civil que no va a gustar a nadie*. Barcelona: Editorial Planeta S.A., 2006.

NAVAJAS, Gonzalo. La novela española de la post-nación. *Ínsula*, n. 688, p. 13-15, abril 2004.

PRESTON, Paul. *Franco: Caudillo de España*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1994.

REDONDO, Gonzalo. *Historia Universal*. Eunsa. Tomo XIII. Pamplona. 1984.

THOMAS, Hugh. *A guerra civil espanhola*. Tradução de James Amado e Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

TORRES, Rafael. *Víctimas de la victoria*. Madrid: Oberom, 2006.

SANZ VILLANUEVA, Santos. *Historia de la literatura española. 6/2: El siglo XX. Literatura actual*. Barcelona: Ariel, 1980.

Entrevista

Otra representación es posible: por una resemantización de la villeritud. Entrevista a César González³⁹

Fabiana Oliveira de Souza⁴⁰

César González es un escritor y director de cine argentino. Es autor de los libros de poesía *La venganza del cordero atado*, *Crónica de una libertad condicional* y *Retórica al suspiro de queja*, de los largometrajes “Diagnóstico Esperanza”, “¿Qué puede un cuerpo?”, “Exomologesis” y “Atenas”, además de una serie de cortometrajes y documentales.

Una de las características que más llamaron la atención cuando publicó su primera obra, en 2010, fue su trayectoria hasta hacerse poeta. González tuvo la oportunidad de reencontrarse con la literatura, pero esta vez de modo demasiado distinto del que hizo en la escuela. Pasó a leer libros que “tenían un fuego para quemar”, como afirmó en la entrevista que me concedió en 19 de abril de 2018, en Buenos Aires, en ocasión de mi investigación para el Máster.

La belleza de ese reencuentro está en su carácter inesperado y sorprendente: se dio mientras estaba en un centro de detención cumpliendo una pena que lo hizo estar preso por cinco años. Le facilitó ese contacto el profesor y mago Patricio Montesano, quien, al ofrecer talleres de magia allí, charlaba con los jóvenes sobre temas relativos a la filosofía, la política y la historia nacional y mundial, además de tratarlos como no estaban acostumbrados en aquel espacio: como personas.

Era a partir de las lecturas de los diversos libros que Montesano les entregaba que González iba (re)construyendo su identidad y creó su conciencia de clase, lo que le permitió emanciparse y decidir abandonar la vida de delitos que llevaba, por lo que se le consideraron un “pibe chorro recuperado” al se dio a conocer su caso tras la publicación de su libro, el cual lo firmó bajo el seudónimo Camilo Blajaquis, un homenaje a Camilo Cienfuegos, revolucionario cubano, y Domingo Blajaquis, militante sindical argentino asesinado durante la dictadura.

³⁹ Recebido em 3 de outubro de 2018. Aceito em 30 de outubro de 2018.

⁴⁰ Mestra em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). E-mail: biyanajass@gmail.com.

Desde entonces, el autor dedica su obra poética y cinematográfica a la resignificación del imaginario que se construyó hacia las villas y los villeros y que siempre estuvo apoyada por una visión despectiva, estigmatizada y reduccionista de qué es vivir en ese territorio. González propone una representación que respete la realidad de esas formas de vida, valorando sus potencias sin idealizarlas, pero tampoco ridiculizarlas. Nos sugiere un retrato de la villeritud desde un sentimiento de orgullo, no más de vergüenza. Y me comentó un poco de todo eso en la entrevista transcrita a seguir.

FS: ¿Podría hablar de su trayectoria, de cómo nace el poeta Camilo Blajaquis?

CG: Bueno, mi historia ya es de público conocimiento, pero la repito una vez más. Mi trayectoria como escritor empieza adentro de la cárcel, es ahí donde siento que escribo algo, por primera vez, con conciencia, con libertad, con una búsqueda propia. Y es algo diferente a lo que había experimentado ya en la escuela. Todos empezamos escribiendo algo en la escuela, pero la primera vez que yo tomo la literatura como una herramienta de vida es en la cárcel. Yo tendría 17, 18 años cuando comencé a intentar escribir poesías.

FS: El día 21/03/18, se inauguró la biblioteca César González, en un centro de detención de menores (Instituto de Recuperación del Adolescente de Rosario). El nombre fue elección de los pibes. ¿Había biblioteca en los institutos por los cuales pasaste? ¿A los pibes también les interesaba la lectura?

CG: El sistema carcelario argentino es muy diverso, digamos... podés encontrar algunas cárceles donde hay talleres de todo tipo, de diferentes artes (teatro, literatura, música y otros géneros también), pero también hay muchos penales donde no hay nada, donde no existe ningún espacio para hacer otra cosa que no sea algo manual, estrictamente físico; no existe en algunos penales. Sí lo que repiten en la mayoría de las cárceles argentinas, e igual de Latinoamérica, son condiciones de completa inhumanidad, hacinamiento, te ves obligado y empujado a una vida de constante violencia, porque escasean la comida, escasean la vestimenta, escasean el espacio de por sí porque hay sobrepoblación, ¿no? En la mayoría de los establecimientos donde estuve había bibliotecas, había escuela, pero tanto en la biblioteca como en la escuela tomaban la literatura como algo inofensivo, como un adorno; la biblioteca era como un adorno,

como para dar una imagen un poco más humana a la cárcel, pero si uno se ponía a ver el catálogo de los libros que había en la biblioteca, en su mayoría eran libros que, para un pibe que nació en la clase más baja y terminó en la cárcel, no le servían mucho para poder hacer algo en la vida, para entender algo de la vida, entender, sobre todo, la sociedad y sus mecanismos, el sistema económico que tuvo mucha responsabilidad para que termine ahí adentro. Pero al fin eran libros que servían para despejarte la cabeza y pensar un poco en otras cosas. Digamos, todo libro, por más que sea completamente innecesario para el pibe y su contexto de vida, no deja de ser libro. Y todo libro tiene alguna potencia, algo que uno puede sacarle. Pero mi formación vino por otro lado, no sacaba los libros de la biblioteca del penal, sino de, sobre todo, un profesor, que fue Patricio, que fue quien me empezó a acercar libros de Marx, de Foucault, de filosofía, de literatura (de otra literatura). Me empezó a acercar libros que tenían potencia, libros que tenían un fuego para quemar.

FS: ¿Tuviste acceso a los libros antes de conocer a Merok (Patricio Montesano) en el Instituto Belgrano, en 2006?

CG: Sí. Lo que pasa es que ahí se confunden las cosas, yo terminé la primaria estando afuera y nadie termina la primaria sin haber leído varios libros, pues son nueve años. Y lo que pasa es que la sociedad cuesta imaginarse que una persona de una villa/de una favela lea. Es una imagen que no existe, no es parte de nuestro imaginario colectivo; no es parte de los mandatos culturales; no es parte de un programa universitario. Esa imagen de la persona de una villa leyendo no existe. Yo leía desde antes, pero lo que pasa es que, como decía recién, leía libros que eran inofensivos, no me afectaban, eran mundos ideales, mundos desconocidos para mí eso de lo que hablaban en esos libros; mundos que no tenían ninguno de los problemas que yo sí tenía en la vida real. Entonces, me podían despejar un rato, pero quedaba ahí. En cambio, los otros libros –los nuevos libros, digamos– también me despejaban, también servían para despejarme de ese mundo inmediato tan opresor, tan asfixiante, tan violento, pero a la vez también me servían para incorporar la consciencia de clase, sobre todo. La conciencia de clase llamo entender el lugar que uno ocupa en el mundo, entender por qué nací acá y no allá, y qué implica nacer acá y no nacer allá; cuánto implica en la vida de alguien, cuánto define y determina la vida de alguien, que no es algo menor. Implica que, quizás, nunca salga de la villa, que tu mundo sea muy pequeño, que nunca creas

que hay vida más allá de la villa, que vos no sos capaz de escribir, que tu capacidad es solamente física, con las manos, con la espalda, y que por nacer acá y no allá tus capacidades cognitivas y la creatividad no existen porque tu cerebro es más chico, porque la ciencia misma lo argumenta y lo justifica, la ciencia trae un racismo científico, decía [Frantz] Fanon. Y hoy aún persiste, hay personas en la universidad que intentan justificar que los negros, los villeros, que los que viven en las favelas son inferiores intelectualmente. Inventan unos motivos, intentan explicarlo diciendo que es por la mala alimentación, que no sé qué... Y eso es en toda Latinoamérica, solo cambian los nombres, los términos.

FS: ¿Hubo una inspiración específica para los títulos de tus libros? Ya se sabe qué pasó con el primer libro, con la revista *¿Todo piola?*, pero ¿con los otros pasó igual?

CG: *Crónica de una libertad condicional* justamente habla de una nueva experiencia afuera, es un libro (es el segundo) escrito con mucho menos tiempo que el primero, paradójicamente. Al estar afuera yo tenía menos tiempo para escribir que estando adentro, porque allí quedaba tantas horas en la celda, solo... entonces era un contacto metafísico con el libro. En cambio, afuera todo el mundo [decía] que tenía que buscar un trabajo, que tenía que ver dónde vivir, que tenía que ver el dinero que ganar para comer... Entonces es un libro escrito con mucho más urgencia, escrito inmediatamente. Es una poesía muy literal, muy directa, con muy poca metáfora, porque así estaba viviendo afuera. Entonces, como lo dice el título, es la crónica de volver a la calle, y lo de la libertad condicional, por un lado, es una alegoría y, por el otro, es tal cual, pues yo salí con libertad condicional, que es una categoría jurídica, que no es la libertad absoluta, vos salís y tenés que, después de algún tiempo, volver algunas veces a los tribunales a rendir cuenta de qué estás haciendo, es condicional.

En *Retórica al suspiro de queja* también estoy hablando ya de mi vida urbana, y la queja es una cosa que tenemos naturalizada los seres humanos de la urbe, los seres humanos modernos, cómodos, que abren la canilla y sale agua, que ya nacieron con apretar un botón y que se prenda la luz, o sea, no tienen que hacer casi ningún esfuerzo. Hasta el siglo XIX, la humanidad tenía que sí o sí emplear/ejercer ciertas virtudes físicas porque, si no, no accedía a ciertos servicios, no accedía a ciertos beneficios de la naturaleza. Hoy los seres humanos tienen más comodidad, pero se quejan más, todo es para quejarse. No sé, es un cansancio que todos lo manifiestan, hay un agobio, una

incomodidad de este mundo. Nadie se siente cómodo por este sistema, pero igual vamos, igual lo mantenemos, lo aprobamos, lo difundimos, igual será lo que oprima nuestros hijos. Yo noto en las calles que nadie está tan contento de la vida que tiene. Entonces la queja es como una reacción física que tiene el ser humano para manifestar este cansancio. Entonces es una retórica, no es una crítica ni un tratado sobre la queja, es una retórica. Puedo decir que la queja también está en mí un poco, y cómo luchar contra la queja, cómo darle dignidad a la queja; que la queja tenga un sentido un poco más inmediato, en el sentido de no quejarse por cualquier cosa, cuando hay seres humanos, millones en este planeta, que la están pasando muy mal y no se pueden dar el lujo de quejarse. La queja es un privilegio de clase, de la comodidad. Aquellos que están en una situación de adversidad no se pueden dar el lujo de quejarse porque si no su problema se perpetúa.

FS: Suelen afirmar, en entrevistas y eventos en los que participas, que el arte salva y que fue la responsable porque no estés muerto. ¿Cuándo te has dado cuenta de que el libro es un arma?

CG: Cuando empecé a pensar en todo lo que había escuchado a lo largo de mi vida, en la escuela, en la televisión, en las películas, de qué era lo que se esperaba de una persona de una villa y creo que yo empecé desde la negatividad, al ver que nadie se esperaba que un pibe de la villa sea artista, y no cualquier artista. A los villeros no es que se les nieguen el acceso al arte, a la herramienta artística, siempre y cuando utilicen herramientas artísticas dentro de un repertorio limitado. Digamos, “puede hacer arte, pero no pintura, ópera, danza, sino cumbia, rap y hasta ahí. Ya poesía, no te metas ahí porque ‘no te da la cabeza’”, como se dice acá, no sé si se entiende. Entonces, “quedate con algo más simple como el rap, que es más fácil”. Yo, si nadie lo espera, lo voy a hacer, quiero hacer esto que nadie se espera, que nadie cree que puede pasar. Digamos, la principal motivación y la principal inspiración fue política. Política en el sentido de pensar la *polis*, qué pasa en esa *polis*, en ese pensamiento de la polis frente a sus esclavos modernos, que son las clases más bajas. [Pensar] que es una herramienta humana el arte, no es de una clase. Se la apropió una clase, que la tiene bajo custodia, pero el arte es de la humanidad, es una propiedad de la humanidad, del ser humano. Entonces yo quiero ejercer esta herramienta que es de la humanidad, no es de una clase. Y voy a tomar esa herramienta por asalto, nadie me la vino a dar, me la voy a robar.

Puedo decir, seguí siendo un delincuente, pero no un delincuente de algo material, sino que salí, como Prometeo, a robar ese fuego que teníamos prohibido los villeros, el fuego del arte. Y no todo el arte, porque en el arte el ser humano deposita una confianza. ¿Y por qué van al teatro? ¿Por qué van al cine? Porque depositamos (los seres humanos) en el arte, en los artistas, la apuesta de que iluminan el camino, no en sentido de gente iluminada, sino que son humanos, igual como nosotros, pero que tienen un coraje distinto de decir lo que nadie quiere decir y así va a decirlo, y decirlo de distintas formas, de formas rectas, de formas sublimes, de formas misteriosas, enigmáticas. Y eso fue lo que decidí hacer, tomar las herramientas del arte para salir a la sociedad y contar todo el mundo de las villas, todo lo que estaba tapado, escondido, y lo que nadie quiere decir de mi gente; mostrar la belleza que hay en una villa, la complejidad que hay, la heterogeneidad de la villa. Reivindicar que hay diversidad en la villa, que no es que son todos iguales, porque hay esa imagen, que son todos así, tienen los mismos gustos... y no. Sí que hay una norma, como la hay en toda humanidad, hay características generales, pero hay una diversidad que está escondida, que no se quiere hablar. Tengo conocidos en las villas, en las favelas, personas que escuchan el *heavy metal*, personas no que solamente escuchan el reggaetón. ¿Y por qué no se imagina que haya personas que tengan instrumentos de música clásica? ¿Les cuesta, no les sienta? Solo las de clase media pueden estudiar, ¿no? Bueno, desde ahí es que tomo esa la herramienta literaria (de los libros), sumarla mi experiencia de vida a una consciencia, una consciencia viva.

FS: Además de tu experiencia, ¿hubo sucesos del país o del mundo que influenciaron el contenido de lo que escribías?

CG: No, lo que pasa es que la experiencia de estar preso era el infierno mismo, es una experiencia de un ser humano que vive una cantidad muy pequeña de toda la humanidad, creo que, como riqueza de situaciones, la cárcel tiene mucho más para escribir que cualquier otro [lugar]. Estás viviendo el mismo infierno, si a Dante la imagen del infierno le inspiró a escribir ese libro tan enigmático, tan raro, imaginate vivirlo de verdad. Es cuando te das cuenta del poder de la herramienta literaria. Sí que pasaban [cosas] en el mundo, en mi país, por lo menos. En Latinoamérica, cuando caí [preso], en 2005, es la juventud, la infancia de una política más progresista, los Kirchners, los Lulas, los Chaves, en ese momento he caído yo, que es interesante como paradoja, que yo caigo en ese momento del progreso del continente, pero caigo igual,

que es una deuda pendiente que han tenido los gobiernos más progresistas, no han podido solucionar esa criminalidad, que somete a la juventud de las favelas, no lo han podido erradicar, les ha costado mucho a los gobiernos. Han hecho un montón, pero tuvieron muchas fallas también. Había un sentimiento antiimperialista, anti-Estados Unidos, pero yo estaba dentro de una cárcel, que era una isla, confinada y apartada de la realidad.

FS: Poco tiempo después de recuperar la libertad, ingresaste en la carrera de Filosofía en la UBA. ¿Qué te quedó de tu experiencia en este curso?

CG: A mí me quedó la frustración de que por no tener plata no pude haber seguido la carrera, me quedó el dolor de no haber conseguido ni siquiera una beca. Muchos años después me cuesta mucho encontrar apoyos institucionales, y todo ese apoyo de la gente a quien salgo a dar charlas son apoyos anónimos e individuales. Me dolió comprobar mis teorías, ¿no? Que todo que yo digo de que tu clase te determina, y no son [teorías] mías, son de muchos autores, pero confirmar eso que yo escribo no es ninguna fantasía, no es ningún delirio. Porque si un pibe que ya salió en los medios, es conocido y no pudo conseguir una beca para hacer su carrera, ¿qué les queda a los que no son conocidos? ¿Qué les queda a los que no son César González, que no pudieron trascender la barrera del conocimiento público? Quizás en algún momento, si puedo estar más tranquilo económicamente, retome y finalice la carrera, aunque yo he hecho mi carrera de forma autodidacta. Yo estoy todo el tiempo tratando de reemplazar la estructura universitaria con una propia estructura, pero no es lo mismo. Creo que justamente la filosofía es la que menos requiere el título para ejercerse. La verdad es que no determina, no garantiza nada el título. Hay universitarios de derecha, que votan a gobiernos de derecha, que tiene títulos, postgrados, hablan varios idiomas, se leyeron miles de libros y, sin embargo, eso no los transforma en personas solidarias, en personas sensibles. Es decir, que el poder de los libros se lo da el lector, no lo tiene un libro de por sí, porque esas personas han leído los mismos autores que yo y, sin embargo, no piensan lo mismo; han podido leer a Marx desde otro punto de vista.

FS: ¿Por qué hiciste la elección por el lenguaje poético, o sea, por la poesía y no otros géneros literarios?

CG: Porque para escribir novela, crónica, uno necesita una tranquilidad, un espacio, por lo menos mínimo, de concentración, y no tenía eso garantizado en la cárcel,

donde a veces no tenía ni un pedazo de colchón para dormir. Era también lo que tenía más a mano, era el formato más coherente con mi condición, con mi contexto, y lo sigue siendo hasta el día de hoy. No tengo un espacio adecuado para tener la concentración necesaria para escribir otros géneros, no es por una cuestión de gusto. Yo he leído más novelas y más cuentos que poesía. Sin embargo, es lo que escribo porque es lo más correlativo a mi situación socioeconómica.

FS: ¿Te parece que haces una poesía autobiográfica (o pretendes que sea)?

CG: Yo dudo, no creo que sea autobiográfica, porque yo hablo desde una igualdad que no se puede explicar desde lo personal, de lo individual. Lo que yo viví viven miles y millones de personas, y por las mismas razones, por consecuencia de manejos políticos, de sistemas de gobiernos. Entonces, a mí no me gusta llamarla de poesía del tipo autobiográfico porque no, yo hablo desde un lugar político que admite su prisma ideológico, que no finge desde donde mira el mundo mi poesía, no finge neutralidad, una supuesta subjetividad, un supuesto idealismo, no interesa ninguna de esas cosas para mí.

FS: ¿Por qué decidió dejar de usar el seudónimo Camilo Blajaquis en las obras siguientes?

CG: Porque me di cuenta que mi nombre real, César González, era justo con mi linaje, con mi genealogía. Es un apellido muy común, que habla de una pertenencia a una clase muy común, donde no abundan los apellidos raros, donde no vas a encontrar muchos apellidos europeos, si bien González es español, pero viene de la colonización, de los ya colonizados que nacían acá, de los pueblos originarios que agarraban de a miles y decían: “Ustedes ahora son González, ustedes ahora son Fernández, ustedes ahora son Gutiérrez”. Y quizás uno era quechua, otro era aimara, guaraní, “no importa, ahora son González y chao”. Blajaquis es un apellido griego, de un inmigrante griego, de un militante que mataron acá y que yo leo en un libro. Fue una forma también de no despertar sospechas en la cárcel: usar un seudónimo, protegerme. Entonces lo más realista era mi nombre, César González, un nombre común, porque pertenezco a un segmento social muy común.

FS: Ahora estás muy involucrado en lo del cine, ¿y qué le motiva a seguir escribiendo al mismo tiempo?

CG: De escribir no he dejado nunca, no veo ningún conflicto porque mi vida se divide de una forma muy armoniosa entre literatura y cine. Y dentro de la literatura hay los libros de filosofía, hay los ensayos sobre cine, hay los ensayos de todos tipos que leo. Convivo tranquilamente intercambiando ratos de cine con ratos de literatura.

FS: ¿Cuál te parece que debe ser el rol del escritor o de la literatura cuando está hecha por un villero?

CG: Creo que hay que tratar, sobre todas las cosas, de no repetir ni reproducir los estereotipos instalados que hay sobre cómo son las personas de las villas, tanto a nivel conservador como a nivel progresista. Hay clichés de derecha y clichés de izquierda. El de derecha es ese que mira al villero como responsables de todos los males, como a un salvaje, como a un simio extraviado de la evolución.

FS: A veces, el propio villero asume esa idea, ¿verdad?

CG: ¡Asume! Yo, hasta que tuve mi despertar, lo creía, estaba convencido que era así, de que yo era inferior, estaba convencidísimo. Y después está el cliché de izquierda, del villero que se tiene que romper el lomo trabajando, del villero sólo obrero, albañil, obediente, respetuoso. Yo quiero villeros que rompan ambos órdenes, que puedan tener el derecho a la ironía, al sarcasmo, a la comedia, al surrealismo, a la insomniación. Yo quisiera ver villeros que no nieguen nunca su condición de clase, que no se avergüencen, que no pidan permiso, que no digan “por favor”; que se agradezca, pero en el mismo nivel de gratitud... y que se los miren con el mismo respeto que se mira a un escritor burgués. [Un villero] Que no se avergüence y que tampoco se termine transformando en un traidor de su propia clase. Sueño el villero que siempre apunte a las condiciones materiales, que después haga obras de fantasía, de terror, de lo que fuere, pero que no niegue que, si la villa existe, si la favela existe, no es por culpa individual ni de los villeros, sino por razones que son macroeconómicas, macro culturales, macro simbólicas, porque un villero no sólo tiene una ubicación en la pirámide económica, la de ser la mano de obra más barata, sino también dentro de lo simbólico tiene que ocupar un espacio: simbolizan el mal, simbolizan la barbarie. Digamos, ocupan diferentes espacios muy importantes para el funcionamiento de la sociedad en la que vivimos.

FS: ¿Cuál crees que es el espacio que ocupan tus obras en el sistema literario argentino?

CG: Ni idea... eso lo tienen que responder los otros, no yo mismo. Yo estoy muy contento con todo lo que pasa, pero el lugar que tienen mis obras en la literatura argentina me tiene sin cuidado, no me preocupan esas cosas, indirectamente trato de no pensar. Más allá de lo propio y de lo personal, espero sí (y aspiro), como cualquiera, a que, en el futuro, haya un poco más de democratización de las herramientas, de todo lugar, de la literatura al cine; que haya cada vez más diversidad; que haya diversidad sexual, pero también de clase; que haya cada vez más gente de abajo que sean directores, escritores, autores.

FS: ¿Consideras que tu literatura sea periférica? ¿Cómo la intitula?

CG: No estoy de acuerdo con los adjetivos porque de los burgueses nadie está diciendo “literatura burguesa”, nadie dice “literatura de blancos”, es literatura. Pero, en cambio, el de la villa que escribe es “literatura periférica”, “literatura marginal”, literatura siempre con un adjetivo al lado. No, es literatura, punto y aparte. Si no que aclaremos todo, ¿no? A cada escritor y escritora que le aclaren al lado: “escritor blanco”, “escritor clase media”, “escritor burgués”. Pero las aclaraciones son siempre para el mismo segmento social.

FS: Al escribir, ¿tomas como base algún texto filosófico o literario?

CG: Sin duda, ¡obvio! Uno siempre se inspira, siempre se mejora, se enriquece, se da cuenta de los errores, de que en tal línea podría haber sido mejor, gracias a los libros que inscriben nuestros y nuestras semejantes. Sin duda, no hay que perder nunca de vista eso. Y siempre lo que escribió otro está mejor que lo que escribió uno, siempre lo dice mejor otro que uno mismo.

FS: ¿Participas en talleres de lectura con los pibes de tu barrio? ¿Cuáles son las actividades en las que estás involucrado?

CG: Sí, yo siempre trato de apoyar a los adolescentes y los jóvenes de la villa porque son los más perseguidos por el sistema, son los que directamente pierden la vida, son las ofrendas al Baal moderno. Cómo no me va a preocupar si son ellos mismos quien era yo en el pasado, ¿no? Y si a mí, en el camino, no se aparecía alguien, yo no estaría acá. Yo solo no hubiese conseguido nada. Entonces trato de replicar lo que pasó conmigo. No es fácil, pero por suerte me responden. Son encuentros, yo no soy profesor, no me recibí de nada. Entonces son encuentros donde yo transmito lo que siento y se celebra un debate, se celebra un intercambio. Me interesa encontrarme con

esos jóvenes con los que nadie quiere encontrarse, con los que las personas se cruzan de vereda, con los que las personas festejan cuando se les asesinan. Son a esos los que más tengo ganas de poder encontrarlos.

FS: ¿Acompañas la producción literaria de escritores villeros argentinos de su generación?

CG: ¡Siempre! Como dije anteriormente, celebro, festejo, difundo... y es un hermano. Hay que equilibrar la balanza de la justicia poética. Hay que tratar de equilibrarla, aunque sean gramos.

FS: Además de Ferréz, quien conociste en un evento en 2012, invitado por el colectivo *¿Todo piola?*, ¿conoces a otros escritores de Brasil?

CG: Sí, sé de algunos movimientos poéticos de São Paulo, he tenido algún contacto. [Sé] de otros jóvenes que armaron una biblioteca en una favela de Rio de Janeiro, que es muy conocido su caso, no me acuerdo el nombre. Me ha servido saberlo, lo que pasa es que Brasil es un continente en sí mismo, pero sé que el arte ya tenía muchas manifestaciones muy potentes en sus favelas. Y me han servido, en primer lugar, de inspiración, de saber que uno no está solo, que hay en todo lugar del mundo personas resistiendo, que no es total el dominio del capitalismo, nunca va a ser total.

FS: ¿Podrías comentar sobre la idea de “la construcción de la villeritud”, nombre de la sección del evento Cine Migrante (09/2017) del cual hiciste parte?

CG: La villeritud, en realidad, es una forma de retomar un concepto que crearon otros, que es el de negritud, creado por [Aimé] Césaire y por [Léopold] Senghor. Césaire que André Breton ha dicho que era el poeta más importante de habla francesa sin ser francés, mejor que todos los franceses juntos. Ellos inventan el concepto de negritud para darle todo ese marco occidental, racional, como queramos llamarlo, positivista mezclado con todo lo propio de la cultura afro, [para] reivindicar la belleza de lo afro, pero filosofando y dándole un marco pesado y académico. Bueno, yo lo traigo acá porque creo que, en Argentina, el villero es lo que es el negro en las sociedades como Estados Unidos. Yo lo traigo desde ahí y le cambio algo, más que nada, semántico. En realidad [el concepto] es de otros, simplemente lo traduzco a la contemporaneidad de la sociedad argentina. Para todos los demás, la villeritud es sinónimo de mal, de feo; para mí es sinónimo ni de bueno ni de malo, sino de ser un elemento más [en la sociedad].

FS: En una de las entrevistas sobre tu película “Exomologesis”, comentas que se trata de una relectura, una adaptación del término utilizado por [Michel] Foucault. ¿Se refiere a una lectura reciente o ya aparecía problematizado en tu poesía?

CG: Sí, yo empecé leyendo a Foucault en la cárcel y la primera aplicación de su filosofía fue darme cuenta de la presencia y el objetivo que tienen la Psicología, los psicólogos y la Psiquiatría en la cárcel, la ciencia de la mente humana, que busca explicar el delito que comete un pobre a partir de una supuesta patología mental. Y no hay ninguna patología, dice Foucault y después dice también [Loïc] Wacquant, uno de los discípulos de [Pierre] Bourdieu. Siempre vi que la jerarquía característica de la iglesia se repetía en otros ámbitos de la sociedad, que las entidades celestiales las creemos hallar en muchas cosas que creemos ateas o agnósticas. Entonces, desde ahí yo traté de crear en *Exomologesis* un cine foucaultiano, no sólo desde el contenido, sino también desde la forma: la forma de filmar la película, dónde se pone la cámara, cómo actúan, se comportan y se relacionan los personajes; las relaciones de poder invisibles, que no se explican solamente desde la política, la empresa o el dinero, sino que subyacen en todas las clases sociales y que son ya inherentes a la condición humana, [que] sea la identidad agregada a lo que venga después de nacionalidad, de clase.

FS: ¿Qué papel juega en su formación y en su discurso la recepción de lo masivo, es decir, de la tele, las historietas, la música popular, el hip-hop y el periodismo que se vuelca a la realidad de las villas y del conurbano?

CG: ¿Qué pienso sobre lo masivo? A ver si he entendido la pregunta... Si yo veo el televisor diez minutos, me lleno de rabia, ahí sí tengo ganas de escribir algo inmediatamente. La rabia del discurso televisivo sobre la gente de la villa me produce una rabia y una rebelión absoluta. Creo que hay que usar las herramientas que sean necesarias para destruir los discursos hegemónicos. Si a alguno le sirve el rap, bienvenido sea, si a otro le sirve la historieta, bienvenida sea. Todo medio para llegar a un fin contrahegemónico lo celebro.

FS: ¿Qué tipo de diálogos crees que establecen los críticos y la universidad con un autor que sale de una villa?

CG: No se puede generalizar, pero creo que el sentido del gusto nos explica muy bien cómo se construye lo legítimo, como también lo ha dicho Foucault y otros. Cómo todo lo que es la academia tiene esa bendición santa, sagrada de decir qué es y qué no

es. Pero también la universidad es un espacio donde surge la ruptura, el pensamiento crítico, las masas de estudiantes que pueden generar cambios en la sociedad. La universidad es esa dualidad, es ese juego de espejo donde están los que legitiman, el poder de lo que avala y lo que rechaza, pero también es donde surgen los que rompen. Pero creo que yo no tenía que decirlo, cómo ven ellos los villeros hay que preguntarles a ellos.

FS: ¿Cómo recibe el mundo editorial a un autor de las periferias?

CG: No sé, es que son preguntas muy abiertas, pero creo que basta entrar a cualquier librería y ver cuántos autores hay de la villa, y yo creo que ninguno. Yo tuve suerte, fue un encadenamiento de azares, no fue nada lineal; un amigo con otro amigo, uno que es autor y escribió al editorial. No es que las editoriales anden interesadas, es que a veces en la sociedad existen muchos mecanismos que alienten, fomenten la existencia de una literatura proveniente de las villas. Creo que es algo inexistente directamente, que no existe casi, es muy escaso. ¿Cómo reciben las editoriales la literatura villera si todavía ni existe esa literatura? Somos muy pocos para decir que es un movimiento parecido a algo, por lo menos, que sea grupal siquiera, es muy marginal, es muy esporádico. Entonces, para que exista el segundo paso, primero tiene que estar firme el primero. Para llegar a “¿qué hace la editorial con ‘tal cosa’?”, hay que llegar primero a la segunda parte [de la pregunta]. La sociedad no espera que un villero escriba, no espera, no quiere, no le gusta y hace todo lo posible para que no pase.

FS: Y cuando pasa eso, ¿qué piensas que se espera, que se escriba siempre sobre la villa?

CG: Se espera que caigan ciertos clichés morales. Se espera que agradezca, que pida perdón, que agradezca la posibilidad que tuvo de poder estudiar. Se les pide un montón de cosas que a los otros no. Hay un nivel de exigencia de buscar el mínimo detalle, el mínimo error; de siempre encontrar un “pero”; de subestimación también, hay una sospecha antropológica –como la llamo yo–, nunca se lo va a ver como se lo ve a un escritor blanco burgués, ¡nunca! Así se lo avale, así pase, así trascienda, nunca se lo va a ver como un igual. Se lo captura y se lo quiere transformar en un fenómeno, en algo único, en algo medio *pop*, exótico, pero nunca algo parejo, simple, siempre se lo va a cargar de algo.

Resenha

Diccionario de Colombianismos. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2018⁴¹

Romilda Mochiuti⁴²

Son famosos los “trancones” en Bogotá y Medellín sea a la hora “valle”, sea a la “pico y placa”. Así que de nada le sirve a uno darse “chispa”, lo mejor que hace es estar “campante” disfrutando una “almojábana”, preferentemente con “arequipe” y “aguapanela” o una “arepizza” con una “pola”. ¡Bienvenido sea el *Diccionario de Colombianismos*! Porque, de lo contrario... Poco se entendería el inicio de esta reseña.

Iniciativa de investigadores del Instituto Caro y Cuervo –en su mayoría egresados de la maestría del Seminario Andrés Bello y de la Escuela de Lexicología Hispánica de la Asociación de Academias de Lengua Española– con ayuda de la AECL, el diccionario que acaba de salir en papel tiene prevista su publicación digital para el año próximo.

Su gestación e inicio surge, sin embargo, en el 2010, cuando se empieza la revisión de la edición del *Breve Diccionario de colombianismos* (1999), cuya edición finalizada y publicada en 2012 es posible acceder desde la [página web](#) de la *Academia Colombiana de la Lengua*.

Pero, ¿qué hay de novedoso en el diccionario?

Además de recoger cerca de 8000 (ocho mil) definiciones y 4500 (cuatro mil quinientos) ejemplos, el concepto de *colombianismo* que maneja es diferencial. Se refiere al uso en cualquier región de Colombia, pero no en el español peninsular. Las novedades también se extienden al recogido que se hace por las características dialectales, sincrónicas y descriptivas.

Si, por una parte, cada término trae marca gramatical, regional y de uso –estas dos últimas si se requieren–, por otra, las definiciones no dejan de ser claras y sencillas y, en la mayoría de los casos, se ilustran con ejemplos literarios colombianos. Y como si no fuera poco, al final de cada entrada/lema, se incluyen sinónimos.

⁴¹ Recebido em 9 de setembro de 2018. Aceito em 21 de novembro de 2018.

⁴² Doutora em Letras, Língua e Literatura Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: romilly2@hotmail.com

Pero como a la mayoría de los diccionarios, falta la inclusión de sentidos que el lema adquiere en determinadas situaciones. Es el caso de las entradas “orden” y “pena”. “A la orden” es lo que uno más escucha mientras camina por el “septimazo”, cuando pasa a una tienda o cuando se acerca a un local de comercio informal. En el *Dicol* no se menciona sino su uso como agradecimiento, quizás porque aparece su significado como “forma de cortesía” en el Diccionario digital de la RAE.

Otro uso frecuente –y que le causa extrañamiento al que no está acostumbrado a la variante colombiana– es el que un/a colombiano/a hace del uso de “¡qué pena!” cuando comete alguna impropiedad –pisarle el pie a alguien, p.ej.–. El *Dicol* menciona solamente su uso como “vergüenza o timidez que se siente al hacer o decir algo”, mientras el de [Americanismos](#) rescata el siguiente uso: “**me da ~ con usted.** fórm. *Mx, Gu, Ni, CR, Pa, Cu, Co.* Se usa para disculparse, agradecer o pedir un favor o llamar a alguien la atención de forma atenuada”. En este caso, cabe a uno preguntarse si culturalmente en Colombia no más se le pide disculpas a uno cuando se comete algún agravio, sino que en ese espacio de interacción el interlocutor sencillamente, como un acto de cordialidad, le manifiesta la vergüenza que siente al hacerlo.

En otras palabras, si cada vez se hace más evidente tanto en la enseñanza de lengua materna como de una extranjera aclarar y dar especial atención para el uso e interpretación de los Marcadores Discursivos en sus varios niveles discursivos, asimismo un diccionario debe aportar referencias a esos usos. Pues inadvertidamente uno puede provocar un gran malentendido y romper el tratado de cordialidad al inhábil e equivocadamente utilizar una expresión que adquiere significado diverso en otro contexto cultural.

Como dice un proverbio chino “a veces puedes aplastar a una persona con el peso de tu lengua”. Un ejemplo muy concreto sería el uso de “¡De puta madre!”. Si en España tiene valor especialmente expresivo y positivo, en otros contextos lingüísticos del mundo hispánico puede que tenga un valor muy despectivo. Como en Colombia. Uno tiene que estar muy atento a los marcadores que utilizan “madre” y el verbo “madrear”, que el *Dicol* nos aclara tratarse de un verbo propio para insultar.

Así que un buen diccionario, el saber usarlo, interpretar lenguajes y contextos y su fuerza expresiva no solo son indispensables, sino que también necesarios para comprender la riqueza del universo que nos cerca.